

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA

ALESSANDRO RIVELLINO OLIVEIRA DE BORBA

DANÇA E TRANSCENDÊNCIA:

**UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE A AMPLIAÇÃO DA CONSCIÊNCIA HUMANA
ATRAVÉS DAS DANÇAS CIRCULARES SAGRADAS**

PORTO ALEGRE

2009

ALESSANDRO RIVELLINO OLIVEIRA DE BORBA

**DANÇA E TRANSCENDÊNCIA:
UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE A AMPLIAÇÃO DA CONSCIÊNCIA HUMANA
ATRAVÉS DAS DANÇAS CIRCULARES SAGRADAS**

Trabalho de conclusão de curso realizado como requisito para obtenção do grau de Licenciatura Plena da Escola Superior de Educação Física e Ciências do Desporto do curso de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Mauro Luiz Pozatti

Porto Alegre

2009

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente a meu orientador, Mauro Pozatti, por não ter me ajudado, e sim por ter ficado a serviço. Também, não só por seus iluminados direcionamentos como por todas transformações que ocorreram e ocorrem na minha vida e nas quais estive e está envolvido.

Agradeço à minha companheira, Carolina Macalós, sem a qual nenhum caco de estrutura restaria.

Agradeço à Janete Barcellos e Elen Brack, por terem aberto os caminhos da dança para mim.

Agradeço à Amanda Martins, por co-criar a focalização de nosso grupo de danças circulares sagradas.

Agradeço ao grupo de danças circulares sagradas que focalizo.

Agradeço a todos antepassados que dançaram.

RESUMO

BORBA, Alessandro Rivellino Oliveira de. **Dança e Transcendência: uma investigação sobre a ampliação da consciência humana através das danças circulares sagradas**. Porto Alegre. 2009. Escola Superior de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

O trabalho focaliza como se processa a ampliação da consciência humana e aborda a inter-relação das danças circulares sagradas neste processo. A abordagem é transdisciplinar e holística. O método é pesquisa bibliográfica. Inclui história e relação do sagrado na dança. Inclui conhecimentos acerca da consciência humana. Integra a Psicologia Transpessoal à análise da consciência. Relaciona ampliação da consciência e realidade. Sugere pesquisa e metodologia para uma investigação de campo. Conclui ressaltando a necessidade de uma pesquisa de campo onde uma integração entre as experiências da prática de danças circulares sagradas e as percepções adquiridas em estado ampliado de consciência sejam profundamente exploradas e verificadas.

PALAVRAS-CHAVE: Danças Circulares Sagradas. Transdisciplinaridade. Conhecimento Holístico. Ampliação da consciência. Dança e o Sagrado.

SUMÁRIO

1. O TRABALHO ANTES DO TRABALHO	6
2. INTRODUÇÃO.....	10
3. DANÇA E O SAGRADO	14
3.1. História breve e memória da roda e do sagrado na dança	14
3.2. Danças Circulares Sagradas	16
4. A TOTALIDADE E A AMPLIAÇÃO DA CONSCIÊNCIA.....	22
4.1 Psicologia Transpessoal e Transdisciplinaridade	37
4.2 Ampliação da Consciência relacionada à Dança a partir de uma perspectiva transdisciplinar e holística	42
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS - UMA METODOLOGIA SUGERIDA.....	50
5.1. Universo e sujeitos	52
5.2. Instrumentos de coleta de dados	53
5.3. Plano de análise e apresentação dos dados	54
5.4. Finalização	54
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	56

1. O TRABALHO ANTES DO TRABALHO

Relato de Experiência:

Proponho-me a enveredar pela estrada da produção acadêmica, mas antes de tudo, aqui escrevo sem a notoriedade regrada da academia, a fim de reunir informações suficientes para celebrar e redescobrir minhas aprendizagens, e quem sabe assim desaprendê-las e então ultrapassar qualquer conceito de interdisciplinaridade ou ainda transdisciplinaridade (palavra que o corretor ortográfico do *word* não reconhece) através da minha própria indisciplinaridade, que reinventa inclusive minha aversão ao trabalho teórico. Navegando em águas profundas, por entrecortes e o que mais vier, proponho a única maneira respeitosa de concluir este trabalho, ou seja, aproximá-lo ao máximo de meus vínculos, luzes, e sombras pessoais.

A partir do contato pessoal com práticas rituais, meditações, ritos iniciáticos, estudos da magia e das artes, adquiri, através da experiência prática, a revelação e a percepção pessoais da ampliação da consciência. Uma vez que uma vasta literatura se apresenta acerca da questão, re-avaliando o paradigma existente e propondo um novo mais humanitário, não vejo outra maneira senão recorrer ao estudo científico da pesquisa bibliográfica a fim de elucidar teoricamente algumas destas questões que despontam.

Mediante a limitação da linguagem, e, por conseguinte da limitação acadêmica, faço das palavras de um mestre as minhas:

“sua limitação colabora com sua criatividade”, pois, que seja, e assim procuro trazer à tona através da palavra a maior aproximação possível com as

questões do coração, que pautam o impulso inicial para o tema desta pesquisa. Posto que, definitivamente, a consciência é uma experiência e não uma idéia.

Enfim, experienciemos...

Meados de 2007, fiz um curso de Danças Circulares Sagradas na Ufrgs, ministrado por grandes mestras, Elen Brack e Janete Barcellos. Diante das diferentes danças que experimentei com o corpo e com a alma, muitas delas me conectaram com um sagrado pessoal, com uma noção profunda de espiritualidade e transcendência, de conexão com todos os povos que há milênios dançaram os passos que eu então repetia inteiramente, sentia vontade de agradecer por estar vivo, sentia vontade de chorar de alegria, sentia a maravilha do movimento! Isso tudo para mim era ampliação de consciência. Paralelamente e atravessando este curso iniciava meu trabalho com os Guerreiros do Coração mediado por Mauro Luiz Pozatti, num resgate de minha própria noção de mundo, onde comecei a tecer em conjunto com outros homens, noções sadias de estar vivo e ser homem, dentro de um programa nomeado Guardiães do Amanhã; então, me via no presente aprendendo sobre danças milenares, do passado, e que de acordo com minhas próprias crenças, configuravam uma das possibilidades de se manter sadia a humanidade num futuro próximo.

Já naqueles tempos, sentia uma diferença entre a consciência ordinária, e a consciência quando ampliada; o que via, sentia, o acesso a emoções profundas, lembranças, sonhos. Tudo emergia depois de certas danças...

Em seguida veio-me a paz, em si, a paz durante minha própria guerra, alguma coisa referente à totalidade e eu mesmo nesta, deus, eu-corpo, dança, enfim...

(Valho-me, por enquanto, de uma noção própria acerca dos conceitos, e também por isso, o destino do presente trabalho se vai para confirmar o que e de que estamos exatamente falando, ainda que a exatidão conceitual não me seja pessoalmente valorizada e uma vez que prefira as perguntas às respostas).

Com a passagem dos anos, minhas práticas com danças Circulares Sagradas cresceram muito, até que acabei por focalizar encontros e aulas destas

danças. Além disto, passei a facilitar encontros de jovens no Projeto Jaguar, que é um programa vinculado à Unipaz-Sul, que proporciona vivências e experiências para adolescentes e jovens de 15 a 20 anos, e por onde as danças circulares se estabelecem, além de variadas outras práticas, como uma das maneiras de se entrar em contato com a essência e o resgate do sagrado. Como diz Mauro Pozatti: “Quando os índios xavantes ficam em roda batendo o pé no chão e cantando, entram num ritmo em que todos eles coletivamente acessam informações que vibram no espaço e no tempo”. E a partir destas experiências pessoais, vivenciais e de observação, coloco-me numa prontidão sem fim, para investigar a ampliação da consciência, entendendo-a como o veículo que poderá nos conduzir a um mundo mais equilibrado e pacífico, ou ainda, que este fim esteja mesmo no veículo, nesta estrada que enveredo, que danço.

Escuto relatos de sonhos, observo mudanças de comportamento, percebo o estranhamento diante de algo novo, o desenvolvimento e modificação das noções de mundo e de pensamento, a descrição de estados corporais e mentais não comumente experienciados, e isso tudo, numa miscelânea entrópica de cores, também é o que me motiva a realizar uma pesquisa bibliográfica acerca da ampliação da consciência e a ponte traçada e tecida através e por entre as Danças Circulares Sagradas.

Antes de ler acerca disto, já sentia como sentiu Bernhard Wosien, que começou, em 1952, a pesquisa com Danças Folclóricas e Étnicas da Europa Oriental, que segundo Elen Brack: “sentiu que a dança em roda possibilitava uma comunicação sem palavras e mais amorosa entre as pessoas”, e este sentimento cria ainda mais motivação, como varinha de condão, espalhar no céu; o céu é na terra, olhe bem.

“Dançar sempre esteve presente na história da humanidade e reflete a necessidade de comunhão, celebração e união entre as pessoas”, ainda segundo Elen, em entrevista para a edição-piloto, nº: 0 março de 2008 da revista Guardiães do Amanhã. E o editor da entrevista relata: “A sincronia alcançada pela dança promove a unificação da consciência entre os participantes, e pode promover a cura de feridas profundas.” E Elen continua: “Tenho uma aluna que ao dançar o Pai Nosso, pôde entrar em contato com as dores da perda da mãe pela primeira vez, a

dança ofereceu a ela um momento de conexão com essa perda mal resolvida, e ela pôde se libertar”.

“nas luzes do arrebol, quantos segredos terá?” (Raul Seixas – O messias Indeciso)

Mais ou menos como descrever as cores de um Pôr-do-sol, talvez seja descrever uma experiência de ampliação da consciência. Vejamos se conseguimos ficar em roda, tocar as mãos, respirar em conjunto, e assim conspirar (como disse Crema), um novo mundo de paz.

2. INTRODUÇÃO

“Diante do iminente bombardeio psíquico social corporal espiritual ambiental e morfológico que nossos dias apresentam, as usuais dificuldades de autotransformação são ampliadas em processo diretamente proporcional. Neste momento trágico e maravilhoso em que estamos, onde a comunicação invisível se estabelece e nos conecta, é que se reestabelece a necessidade da comunhão do ser, em sua totalidade, nas relações humanas, com outros seres e com a natureza, gerando a consciência de inteireza e a plenitude individual do coletivo humano através de relações e práticas que visam o desenvolvimento da visão holística.

Ao mesmo tempo que abandonamos um velho construímos um novo, e esse momento nem lagarta nem borboleta mas um pouco dos dois é que nos suscita a não desistir de buscar a paz. E rapidamente toda enxurrada de metamorfoses que as organizações e desorganizações sofrem repercutem na amplitude dos seres, desde que não se sucumba à tempestade e se atinja a crescente ascensão da consciência para este atual novo mundo crisálida.” (BORBA, 2009, DISPONÍVEL EM: <http://www.unipazsul.org.br/smnoticias.php?cod=207&titulo=03-03-2009>)

A emergência de um novo paradigma nos suscita a avaliar e reconstruir as maneiras que utilizamos para entender e nos relacionar com o mundo. Junto a ritos e práticas que levam à transformação/ampliação da consciência, nos vêm a percepção de um mundo-esquema-novo que não mais desintegra o indivíduo em partes, e sim permite o acesso à sua completude e inteireza e integralidade em consonância com o universo. Dentre as muitas maneiras que a humanidade tem usado para a ampliação da consciência, como meditação, retiros, jejuns, materiais psicodélicos de plantas e animais, trabalhos respiratórios, está a dança. O vigente virtuosismo e adequação da dança num campo que não mais compreende sua prática ritual e transformadora e sagrada inerente ao seu surgimento, nos implica a averiguar como ainda podemos ter acesso a informações que se escondem diante de nossa consciência ordinária do dia-a-dia e que podem vir a ser acessadas diante da prática de danças circulares sagradas.

As diferentes culturas neste vasto planeta nos apresentam uma gama enorme de danças e maneiras de dançar, tendo, muitas delas, este caráter ritual e transcendente. As Danças Circulares Sagradas vêm como uma possibilidade de reunião destas celebrações culturais e históricas, de momentos específicos e sagrados para determinados povos, como colheita, celebração das fases da lua, ritos de sacrifício, veneração de deuses, entre outros. A partir do ressurgimento destas práticas existe a possibilidade de se re-estabelecer uma conexão com o sagrado e a reutilização da dança como um veículo para ampliação da consciência.

Uma mudança na percepção que chamo ‘consciencial’ poderá ser alcançada através do corpo. Para tanto, nos é preciso compreender de quê se trata esta modificação momentânea da psique através de uma visão Transpessoal, Transdisciplinar e Holística, onde uma nova forma de entendimento e co-criação do mundo nos é facilitada.

Nesse contexto, o presente trabalho pretende estudar as danças circulares sagradas pelo aspecto também de ferramenta, mas mais como veículo de informação, emoção, experiência, ou seja, de modificação de padrões atrelados à obtenção de cultura e conhecimento da consciência, algo que modifica de alguma maneira o ser que dança.

E a partir da ampliação da consciência, o que?

“... o papel da espiritualidade na Vida Humana: a ciência materialista ocidental não tem lugar para qualquer tipo de espiritualidade e, na realidade, considera-a incompatível com a visão de mundo científica. A moderna pesquisa da consciência mostra que a espiritualidade é uma dimensão natural e legítima da psique humana e do plano universal das coisas. Contudo, nesse contexto, é importante enfatizar que essa declaração aplica-se à espiritualidade genuína e não às doutrinas das religiões organizadas.” (GROF, 2000, p. 105)

Assim podemos ampliar as dimensões do ser, psique, cosmo e consciência. O trabalho com estados ampliados de consciência traz desafios de natureza fundamental, trazendo uma gama de experiências extraordinárias que não podem ser compreendidas no contexto da abordagem materialista da realidade. O impacto de seu conceito é de longo alcance, de modo a minar as conjecturas metafísicas

mais básicas da ciência ocidental, principalmente as relativas à natureza da consciência e à sua relação com a matéria.

Para Grof (2000), um dos aspectos mais importantes diante dos estados ampliados de consciência pauta sobre a origem de problemas que ele define como psicoespirituais, que a princípio seriam definidos pela psiquiatria como estados clínicos psicóticos, os quais ele chamou “emergência espiritual”, tanto no sentido de emergir quanto no sentido de uma necessidade veemente. Esta crise é também uma oportunidade, como afirma mimetizando o ideograma chinês que mistura tais significados. Estes incursos podem resultar em cura emocional e psicossomática, mudanças psicológicas notáveis e em evolução da consciência. Além da melhora da saúde psicossomática, maior prazer de viver, uma estratégia de vida mais recompensadora e uma ampliada visão de mundo que inclui a dimensão espiritual da existência, envolvendo substancial redução da agressividade, aumento da tolerância racial, política e religiosa, da consciência ecológica e mudanças profundas nas hierarquias de valores e prioridades existenciais. Não sendo, então, exagero, dizer que propicia uma evolução da consciência.

“... nas últimas décadas, temos observado um crescente interesse por assuntos espirituais e ele tem levado a uma extensa experimentação de “tecnologias do sagrado” antigas, aborígenes e modernas, técnicas de alteração da mente que podem mediar a abertura espiritual.” (GROF, 2000, p. 130)

Cada vez mais pessoas concordam que uma espiritualidade genuína, ou seja, baseada em profunda experiência pessoal é um aspecto da vida de fundamental importância. A visão materialista da civilização tecnológica ocidental ocasiona esta crescente crise global e pode-se notar que é um alto preço a pagar pela rejeição da espiritualidade. Grof (2000, p.134) diz “Banimos de nossas vidas uma força que nutre, potencializa e confere significado à existência humana.” Individualmente esta perda tem levado a um nível de vida empobrecido e insatisfatório e a nível coletivo a ameaças à continuidade da vida.

Neste contexto, Grof ainda afirma que

“... é do interesse de todos nós que sejam encontradas maneiras de trazer a espiritualidade de volta para nossa vida individual e coletiva. Isso teria de incluir não apenas o reconhecimento teórico da espiritualidade como

aspecto vital da existência, mas também o encorajamento e a sanção social para atividades que medeiam o acesso a experiências das dimensões espirituais da realidade.” (GROF, 2000, p. 135)

O que nos leva a perceber a importância da utilização do potencial positivo dos estados ampliados da consciência para transformação individual e coletiva de modo a transcender, ou seja, ir além do estado atual de percepções do eu e do mundo.

A pesquisa da consciência tem importância não só individualmente para cada um, mas para o futuro da humanidade e continuidade da vida no planeta, onde se sugere que a origem de muitos males são estas crises espirituais pelas quais passamos. E fazendo jus à oportunidade imbuída em cada crise, a situação desastrosa do mundo não é tão apavorante quanto parece, uma vez que uma transformação psicoespiritual da humanidade já está ocorrendo. Após anos de pesquisa com estados da consciência, Grof (2000) conclui que os conceitos e práticas da Psicologia Transpessoal, que é uma disciplina que integra a espiritualidade no novo paradigma emergente na ciência ocidental, ajudam neste processo de transformação.

E é a partir destas, que se dará todo o processo.

3. DANÇA E O SAGRADO

Importante nos é trazer referências acerca das danças, pois, no universo tudo é dança; e do círculo, pois é o formato pelo qual construímos uma mandala corporal em conjunto quando dançamos em roda. Destas inferências e a primeira relação da dança com o sagrado, no atual trabalho, é que se discorre o presente capítulo.

3.1. História breve e memória da roda e do sagrado na dança

“Tudo o que o Poder do Mundo faz é feito num círculo. O céu é redondo, e eu ouvi dizer que a terra é redonda como uma bola, e as estrelas também. O vento, em seu maior poder, rodopia. Os pássaros fazem seu ninho em círculos, pois a religião deles é a mesma que a nossa. O sol se levanta e se põe novamente num círculo. A lua faz a mesma coisa, e ambos são redondos. Até as estações formam um grande círculo em suas mudanças, e sempre voltam novamente para onde estavam. A vida de um homem é um círculo da infância até a infância, o mesmo acontecendo com tudo onde o poder se movimenta.” (ALCE NEGRO *apud* NEIHARDT, 1961, p. 32-33)

Segundo Barreto (2003) a primeira formação adotada pelo ser humano para o convívio social e celebração foi a de roda. Matizes em pedra que datam de 8.000 a.C. Revelam esta estrutura como prática, e a partir dela os ciclos da natureza passam a ser representados: o ritmo das estações, o tempo dos cultivos (semeadura, crescimento, maturação e colheita); o pulsar dos movimentos do sol e da lua, das estrelas e planetas; o ritmo da respiração e dos batimentos cardíacos; a vida e a morte.

Esta configuração foi adotada em rituais de passagem (nascimento, iniciação à maioridade, união matrimonial, morte); em celebrações; ocasiões de

reverência, temor, louvor, gratidão e oração à terra e à(s) divindades(s). O círculo é uma forma geométrica especial, por simbolizar a perfeição e a plenitude que o ser humano busca atingir. Na circunferência há “n” pontos que distam igualmente do ponto central. Todos os pontos – ou todas as pessoas que neles se encontram voltadas para o centro – têm a visão de todos os demais da roda e todos são igualmente importantes na composição final que é o círculo. Este contém o vazio, que ao mesmo tempo em que garante a distância entre as pessoas, é o vazio através do qual elas estão unidas e de onde pode emergir a criação feita por todos. Apenas compor a circunferência da roda já constitui uma criação, num espaço diferenciado e, possivelmente, sagrado.

Para Goberstein (1999/2000) o homem trilha sua vida aspirando retornar ao estado de plenitude total. Uns se apóiam na religião para se re-ligar, outros esperam que o parceiro lhes traga este aconchego e suprimento através do amor, do ato sexual, ou de ambos; há os que se utilizam das drogas, outros que ficam em ação e trabalho compulsivo para nunca sentir o estado de falta. Muitos vivem a combinação de vários recursos para acreditar que são plenos, ou chegar o mais próximo deste estado. Deseja-se estar num tempo/espazo/vivência com a unidade permanente. Por sua vez as Danças Circulares também brotam dessa aspiração humana de sair da separatividade e da falta e unir Céu (inspirador, mágico, espiritual, divino) e Terra (humano, material, terreno) em seu ser, no seu centro, em seu coração, de forma prática e palpável, dançando.

As danças com caráter sagrado resgatam a inspiração do homem primitivo em sentir a energia criadora da vida dentro de si, deixando brotar o movimento, ritmo, som, música, dança, e fazê-lo em círculo, em interação com os outros membros da tribo; ao mesmo tempo dão continuidade a um fio que jamais cessou de existir na história da humanidade: dançar e interagir grupalmente. Uma forma de resgate, continuidade e criação desse tipo de vivência teve início por volta da década de 60, por via de duas iniciativas em continentes distintos, dando origem, por um lado, ao que se passou a chamar Danças Circulares Sagradas e, por outro, Danças da Paz Universal, estaremos concentrados nas Danças circulares Sagradas capítulos adiante.

Deutsch (1997 *apud* ALMEIDA, 2005, p 57) afirma que “desde a mais remota antiguidade a dança existe historicamente na vida do homem.” Assim como Pellegrini Filho (1986 *apud* ALMEIDA, 2005 p 57) concorda que “a dança constitui uma das primeiras formas de manifestação humana” não somente do ponto de vista artístico, visto que existiam danças ligadas à religião, à caça, à guerra, à fertilidade, à morte, etc.

Comumente, Sachs (1943 *apud* ALMEIDA, 2005 p.52) escreve sobre as danças medicinais nas chamadas “culturas xamânicas”, onde o doente era colocado no centro do círculo, e o “xamã”, “médico”, curandeiro, dirigia a dança circular, até que os dançarinos entrassem em êxtase, até que subjugassem o espírito da enfermidade que tomava aquele corpo doente, o afastassem, ou o possuindo em si mesmo (no sentido da possessão) pudessem vencê-lo.

Nas culturas primitivas as danças tinham um caráter sagrado, que de certa forma se manteve até meados do século XVIII – temos como exemplo “as mulheres normandas que dançavam em torno de um menir (monumento megalítico, que consiste num bloco de pedra vertical) afim de que seus maridos pudessem voltar ilesos do mar” (SACHS 1943 *apud* ALMEIDA, 2005, p. 53).

Neste contexto, Wosien (1996 *apud* Almeida, 2005 p. 58) ainda deixa claro que para o homem primevo a dança era a maneira natural de se harmonizar com o cosmos, porque o rítmico do movimento possuía a chave da criação e reintegração e assim constituía um jeito de se estar em contato com a fonte da vida.

3.2. Danças Circulares Sagradas

Uma vez que encaramos a premissa de que historicamente a dança tem caráter sagrado, e que esta relação da dança se fazia/faz em conjunto diante de um

círculo, nos aproxima exatamente das danças circulares sagradas. E definições destas encontrar-se-ão no presente subitem.

Em relação à circularidade Luciana Ostetto afirma que

“... sem começo nem fim, o círculo indica atividade, movimento cíclico e tem como característica a tendência à expansão, ao ilimitado. Por isso é associado à mudança e às idéias de incorporar, dar e receber. É esta força que provém das Danças Circulares.” (OSTETTO, 2005, p. 175)

Segundo a referida autora pode-se dizer que as Danças Circulares Sagradas são um conjunto de danças de vários povos do mundo, que fazem referência às tradições, muitas vezes milenares, destes. E que também se relacionam, a partir do corpo, ou seja, da maneira de que se moviam com o sagrado.

Mas, mais importante do que o conhecimento corporal das diferentes maneiras de diferentes povos moverem-se é o aprendizado da complexidade arquetípica trazida pela noção de dança que cada um possui, que faz-se com diferenciações, mas conflui quando refere-se ao sagrado.

Por isso faz-se necessário entender este tipo de dança como uma manifestação simbólica do indivíduo, um veículo rastreador de si mesmo, um processo '*religare*' em movimento, e para dentro, uma ferramenta de auto-conhecimento e formação de campos conscienciais.

A partir da tese de Luciana Ostetto (2005), dentro de seu “repertório” existem danças de variados povos, como ciganos, gregos, celtas, indígenas, africanos, israelitas, hindus, sufis, brasileiros...

São danças que procuram transcender a virtuosidade dos movimentos, criando um elo de interiorização através destas meditações em movimento. Entendendo, assim, que os aspectos mentais, corporais, sociais, ambientais e espirituais devem confluir em uníssono no ser que dança e devem estar harmônicos para que o processo atinja seu objetivo principal, que consiste basicamente em proporcionar a possibilidade de dançarmos com o TODO que somos; chegamos enfim à ampliação da consciência, uma vez que não haja abandono ou fragmentação de qualquer parte

do ser, e então novas informações internas e longínquas podem ser acessadas e assim o auto-conhecimento se tornar a própria dança. É algo vivencial e dificultoso no que se refere a explicações. Ainda assim, tentaremos explicar.

Assim como porta entre o visível e o invisível que fazem parte da vida individual e coletiva do dançarino, também atua como uma maneira de expressão da beleza inerente ao mundo, em relação, principalmente ao intangível, por onde se manifestará uma linguagem energética de movimentação e calor, com referências a um centro corporal e um centro na roda.

Wosien afirma que

“... a dança, por isso, não é apenas a transparência do divino, assim como uma janela aberta, uma vista para o divino. A dança também não é uma viva imagem reminescente – a dança e, em tempo e espaço, um signo, um acontecimento visível, uma forma cinética para o invisível” (WOSIEN, 2000 *apud* FÁTIMA, 2001, p. 50)

Segundo Luciana Ostetto (2005), as danças circulares foram reavivadas por Bernhard Wosien, coreógrafo alemão que a partir de 1952 começou a pesquisar as rodas antigas da Europa Oriental. Em 1976, teve contato com *Findhorn Foundation* e desenvolveu a “Meditação da Dança” que se espalhou pelo mundo inteiro. São danças que resistem ao tempo por sua força de manifestação da vida, como dança da sementeira, da colheita, de exaltação ao sol, à lua, à terra, de morte e renascimento. Suas origens perdem-se neste tempo e refletem a comunhão entre as pessoas de uma comunidade.

Em meados da década de 70 ele foi convidado pela então jovem comunidade escocesa de *Findhorn*, para compartilhar as danças de roda que vivenciou e as danças que coreografou voltadas para o mesmo fim: re-ligar, meditar e transformar, em ação grupal.

Tendo como forma base o círculo e o fazer em conjunto, as danças foram rapidamente abraçadas pela meta comunitária voltada para “*One Earth*”. A partir de então se difundiram pelo mundo, num processo que envolve resgate e criação contínua do espaço sagrado, espaço/tempo diferenciado, que proporciona ao ser

humano condições para recordar o estado de unidade, vivenciando-o em seu próprio corpo, em movimento, com música, com arte, na sintonia grupal.

As danças evoluíram, se expandiram e tem sido partilhadas em diversos lugares: escolas, praças, asilos, universidades, grupos terapêuticos, celebrações ecumênicas. Hoje em dia as danças são praticadas em pelo menos vinte países, inclusive no Brasil. Em Porto Alegre, grupos encontram-se periodicamente para constituir este trabalho de auto-conhecimento, conexão, comunhão e experimentação da Paz que transcende a palavra.

Segundo Maurice Béjart (*apud* GARAUDY, 1980 *apud* UMMANN, 2003, p. 8) a dança por si própria é um rito que pode ter caráter sagrado ou social. Ele ainda complementa colocando que a dança profana trata do social, do grupo, da união e dos feitos de um universo no qual o dançarino se encontra; já as danças sagradas, das quais fazem parte as Danças Circulares Sagradas, tratam do incompreensível, tratam da busca incessante de uma ligação, com um algo maior, com um poder supremo.

Barton afirma que

“... nas Danças Sagradas nós nos concentramos mais na experiência pessoal e na essência das danças do que na autenticidade dos passos. Não nos consideramos experts em danças folclóricas, mas sabemos que, dançando nesses círculos, podemos melhorar e enriquecer nossas vidas, física, emocional, mental e espiritualmente, irradiando essa transformação para todos aqueles com quem entramos em contato.” (Barton, 1995, p. 05)

Para Ramos (2005) nas Danças Circulares Sagradas, utiliza-se músicas étnicas, clássicas e new age. Dança-se de mãos dadas, canta-se as raízes, o folclore, o regional e a oração dos diversos povos e culturas do planeta. Os passos vão dos mais simples aos mais elaborados. Mas o enfoque das Danças Circulares Sagradas não é a técnica, e sim o sentimento de união de grupo, o espírito comunitário que se instala a partir do momento em que todos de mão dadas, apóiam e auxiliam os companheiros, e por fim a mudança na consciência individual do indivíduo. Suavemente, em meio a muita alegria e também a muitos momentos de introspecção, a pessoa que está na roda se percebe como um ser humano íntegro. Isto porque a Dança Circular Sagrada auxilia o indivíduo a tomar consciência do seu

corpo físico, acalmar o seu emocional, trabalhar a sua concentração e memória e, principalmente, entrar em contato com uma linguagem simbólica, metafórica e transcendental. Possibilita momentos de conexão com sua Essência, e através desse contato, o indivíduo se percebe conectado à Força Universal.

Na realidade, a dança circular é Sagrada a partir do momento em os participantes entram em contato com sua essência, em contato com algo transcendental. Neste momento o ser humano se torna íntegro, unindo Espírito Matéria e a possibilidade de criação. Entrando em contato com o seu Eu Divino e a percepção do Divino no outro.

Focalizar uma Dança Circular Sagrada vai um pouco além da simples orientação dos passos e do ritmo. Diz respeito à postura do focalizador, que se coloca como foco de atenção dos participantes e, principalmente como foco catalisador e expansionista de energias mais sutis no momento da vivência, facilitando o acesso ao sagrado.

Como diz Ramos

“... focalizador é aquele que mantém o foco de uma vivência, ou seja, aquele que orienta e apóia as pessoas numa vivência, dirigindo-as na direção de um objetivo. [...] o focalizador mantém algo mais que a simples ordem física das coisas. Ele faz uma conexão com energias mais sutis que dão apoio à vivência do grupo em questão, sentindo as vibrações harmônicas e desarmônicas.” (RAMOS, 2002, p.189)

É difícil falar em sagrado, divino, alma, espírito etc.? Sim, é difícil. A humanidade está no momento de resgatar essas palavras e conceitos numa oitava superior de sua evolução, deixando para trás antigos dogmas e preconceitos inculcados ao longo dos séculos. E esse trabalho de reciclagem de conceitos como divino e sagrado é feito nas práticas de Danças Circulares Sagradas de uma maneira alegre e suave, preparando o ser humano para uma nova etapa da humanidade onde harmonia e paz serão reflexos de atitudes de cooperação e comunhão.

Fisher afirma que

“... com a dança se aprende a ser. Ela toca num ponto obscuro, quase inacessível, mas verdadeiro da vida em sociedade — aquele ponto em que se esconde o gesto, o corpo, o movimento secundarizados pela palavra, pela razão, pelo discurso.” (FISHER, 2008, DISPONÍVEL EM: <http://portoalegreciadedanca.blogspot.com/2008/03/danar-para-aprender-ser.html>)

Esse conjunto de pequenos paradoxos entre corpo e palavra, movimento e raciocínio, gesto e emoção, se fundem na dança que possibilita outras formas de comunicação e comunhão com o outro e com o nosso patamar consciencial mais íntimo.

A partir deste ponto nos é referencial fazer a incursão ao terreno da consciência, uma vez que sabemos que as danças circulares sagradas tocam num ponto íntimo, quem sabe não objetivo, da conexão do ser com os outros seres e com o universo, desta forma, o que segue pautará sobre consciência e sua ampliação, sobre a totalidade, sobre a inteireza, sobre o paradigma holístico e transdisciplinar, sobre a Psicologia Transpessoal. Tudo numa miscelânea entrópica de cores, uma rede-teia-relação que se estabelecerá o mais claramente possível, mas ainda e a partir disto, quanto mais confusa nos parecer, tanto é melhor. Onde aos poucos tomamos consciência da interrelação de tudo, e nos é invitada uma nova visão de realidade. O tear, o enredamento dos assuntos não necessita sequer de elementos de ligação, pois estes já estão no ar, num ar que perceberemos interconectado. E a consciência fará a diferença, ou a sintonia da rádio que pretendemos escutar.

4. A TOTALIDADE E A AMPLIAÇÃO DA CONSCIÊNCIA

No que se refere à consciência, Pozatti (2003), a partir do estudo da simbologia do mapa transcultural que co-cria e apresenta, percebe elementos e algumas funções da mesma: sensações, emoções, pensamento, intuição. A própria consciência integra essas funções. Assim, afirma que os constitutivos da realidade são representados pela consciência movimentando-se na tríade que denomina: denso, movimento e sutil e as particularizações destas manifestam determinada realidade.

O referido autor observa que colapsos, ou discontinuidades na onda quântica, geram a consciência de realidade, ao movimentar-se entre denso e sutil. Criando assim, observador e observado, que estão ilusoriamente separados, mas que fazem parte de uma mesma totalidade, e, no movimento descontínuo entre eles ocorre o processo de significação, a tomada de consciência através da criação de significados.

O autor citado afirma que

“... a percepção, tanto pela ciência atual quanto pelas antigas tradições sapienciais, indica a existência de uma totalidade e diferentes níveis de realidade. Talvez seja possível buscarmos uma maneira de integrarmos estas diferentes significações de uma mesma totalidade.” (POZATTI, 2003, p. 32)

Conforme Reichow (2002), a percepção desta inteireza gera uma percepção de mundo completamente diferente, e o sujeito passa a sentir-se criador de sua própria realidade e isso está carregado com a construção de novos valores e responsabilidades frente à própria existência, à sociedade, planeta e universo. É perceptível que vivências que levem a um estado ampliado de consciência desta

maneira levam à criação de novos significados. Informações que nos conduzem a pensar uma nova maneira de conhecermo-nos assim como de conhecermos a realidade. Esta se configura uma maneira que não é linear, que é acausal. E não significa abandonar ou negar o conhecimento racional, mas ampliar as maneiras de conhecer.

Portanto, é uma premissa investigar as relações, no que concerne, então, sujeito/objeto. Morin cita, no que se refere à consciência humana em relação ao observador/objeto observado, as seguintes palavras que nos elucidam

“... o problema do observador não está limitado às ciências antropossociais; a partir de agora o problema é relativo às ciências físicas; assim, o observador altera a observação microfísica (Heisenberg); [...] enfim, a cosmologia reintroduz o homem, ao menos, no princípio chamado de “antrópico” - não de entropia, mas de “antropo” - segundo o qual a teoria da formação do universo precisa explicar a possibilidade da consciência humana e, obviamente, da vida.” (MORIN, 1996 *apud* REICHOW p.31)

Segundo Reichow (2002), a experiência e o sujeito não aparecem mais de forma separada e o que faz a diferença nesta relação passa a ser a consciência. E, iluminando a teoria quântica de Goswami e Reichow (2002) refere que: em relação à consciência o que existe são infinitas ondas de possibilidades. E se direcionamos nosso foco de atenção em uma destas possibilidades provocamos o colapso quântico da onda em partícula, e isto gera a manifestação. O autor ainda traz a questão da não-localidade de Goswami, relacionando os fenômenos da consciência com a criatividade, dizendo

“... a consciência não-local opera não com continuidade causal, mas com descontinuidade criativa - de um momento a outro, de um evento a outro, como acontece quando é gerado um colapso da função da onda do cérebro-mente. A descontinuidade, o salto quântico, é o componente essencial da criatividade.” (GOSWAMI 1998 *apud* REICHOW 2002, p. 31)

Assim, a aparente descontinuidade é justamente o que nos desperta para o salto, o chão que some e se refaz abaixo de nossos pés, o terreno do novo.

Segundo Trevisol (2008), Ken Wilber é o Einstein da consciência, e tendo este respaldo, traz a compreensão desta como um contínuo que vai do denso ao sutil e vice-versa. Entre os inúmeros níveis possíveis dividiu em três primordiais que

são: o do ego, o existencial e o mental. O primeiro engloba questões como exercer papéis, auto-imagem consciente e inconsciente, natureza analítica do intelecto. O segundo abrange o organismo total, corpo e psique, sentido de existência, de ser, junto com nossas premissas culturais. O terceiro é a mente mística, que dá a sensação de identificação com o universo inteiro. Na divisão das fases da consciência, Ken Wilber denomina a maior delas como transpessoal, que vai além do pessoal sem deixar de passar por ele, é uma fase onde a mente não se interessa mais por explicações (e como me identifico com isso; tinha que dizer, desculpe), buscando experiências de contemplação. Um nível onde há uma inspeção sutil das capacidades cognitivas e perceptuais da mente e então passa a transcendê-las.

Ainda após essa fase existe o nível sutil, que é o lugar dos arquétipos, da intuição e absorção transcendentais, lugar de êxtases e *insights*. E por fim há o nível causal, o terreno transcendental, o abismo, o vazio, o sem forma. Uma consciência de unidade sem fronteira que impregna tudo, é a unidade suprema. Considera o nível mais alto de consciência que humanamente podemos atingir, havendo uma consciência de si e do divino sem que um se perca no outro. Ainda traz a teoria dos Memes, que são os estágios ou níveis não-rígidos, no projeto da consciência humana, como ondas fluidas, entrelaçadas, desordenadas, assimétricas, formando uma espiral dinâmica de desenvolvimento da consciência. E a partir disto, há uma dinâmica que propicia mudanças pessoais e sociais. Os Memes trazem consigo crenças e ações características relacionadas a eles, mas aproximam-se em relação a paradigma em duas grandes distinções, os de primeira e os de segunda ordem. Os de primeira ordem compreendem os indivíduos que se identificam o próprio ego, com o que pense de si mesmo e com o que os outros pensam, que se orienta sob o ditame dos sentidos, precisando de constatações materiais e quantificáveis. Ressalta, que é, também, desta forma, todo o sistema sóciopolítico, científico competitivo, quantitativos racionalistas e calculistas.

Os de segunda ordem compreendem o ser integral, holístico, místico e espiritual. É a visão do paradigma integral e abrangente. Estas ordens, primeira e segunda, aparentemente opostas, em verdade se complementam. Logo, Trevisol afirma que

“... a inflexibilidade dos primeiros níveis serve de estrutura para a flexibilidade advinda dos níveis da segunda ordem e, por sua vez, a flexibilidade desta lança sua força de liberdade e globalidade sobre a primeira, tornando sua estrutura adaptativa, inter-relacional, participativa, com o todo o universo da consciência. Nesse vai-e-vem da consciência é que se movimentam e se re-elaboram os conceitos, os pensamentos, as visões, a própria estrutura do sujeito, enfim, a visão de pessoa, de mundo, de realidade e de universo. É mais uma vez a densidade e a sutileza em diálogo ondulatório de energia mostrando a inteireza paradigmática e a unidade do ser humano.” (TREVISOL, 2008, p. 149)

A partir desta visão, a consciência evolui com a evolução do indivíduo, ou da expressão da interioridade humana, em níveis crescentes qualitativamente, em movimento entre o denso e o sutil, ambas precisando-se mutuamente. Da certeza identificatória e individualizada nasce a capacidade de se unir ao todo, pois a unicidade não é a destruição dos opostos. Mas, segundo Trevisol (2008), é somente o patamar mais elevado de consciência que é capaz de estabelecer essa unicidade, com tudo que há, e a partir disto, estes níveis se aproximam, ou são os mesmos, que definem um ser espiritual.

Corroborando com isto Capra afirma que

“... na verdade, a espiritualidade – ou o espírito humano – poderia ser definida como o modo de consciência em que nos sentimos unidos ao cosmos como um todo. Isso torna evidente que a consciência ecológica é espiritual em sua essência mais profunda. E, portanto, não é de causar impressão que a nova visão de realidade que vem surgindo com a física moderna, uma visão holística e ecológica, esteja em harmonia com as concepções das tradições espirituais.” (CAPRA, 1988, p. 90)

Trevisol (2008) segue dizendo que dentro da linguagem transdisciplinar e holística, dos níveis de consciência de segunda ordem de Wilber, entre outras linguagens, se pode falar de um espaço para o sagrado na visão de realidade referente à totalidade. E por sagrado se entende por aquela zona que não resiste às experiências, ou aquilo que não submete-se a qualquer racionalização.

Chegamos assim à espiritualidade, onde, segundo Grof (2000) se estabelece uma dimensão legítima e natural da psique humana e do plano universal das coisas, através das modernas pesquisas acerca da consciência.

Continuando a investigação da consciência, vemos que, para Wilber (2000 *apud* TREVISOL, 2008, p. 170) um mapa integral da consciência deveria incluir os múltiplos níveis ou ondas da existência, a holoarquia que se estenda à amplidão. “da matéria ao corpo, do corpo à mente, da mente à alma e da alma ao espírito”; várias correntes, módulos ou linhas de desenvolvimento: cognitiva, moral, espiritual, estética e assim por diante; também inúmeros estados de consciência: vigília, sono, sonho, estado ampliado, meditativo. A pessoa poderia estar aberta a alguns estados em diferentes estágios evolutivos.

E em relação à espiritualidade, traz conceitos que corroboram com a percepção que traçamos até aqui; para Trevisol espiritualidade é

“... a livre relação entre o profano e o sagrado entre o corpo e a alma, entre o céu e a terra, entre o finito e o infinito, agora não mais separados, mas como pontas de uma mesma realidade, ora mais densa, ora mais sutil.” (TREVISOL, 2008, P. 189)

E em relação ao paradigma cartesiano, o mesmo autor argumenta

“... as próprias intuições extra-sensoriais e a criatividade artística humana são contra-argumentos a uma possível mente-máquina, mas a questão maior dos contra-argumentos continua sendo aquela da consciência. Pois, como poderia uma máquina tornar-se consciente? Uma conexão interior de alguém com outros seres humanos é possível somente por causa da espiritualidade, que o computador não possui; afinal, consciência é “conhecer com”, o que seria impossível sem o conhecimento não-local.” (TREVISOL, 2008, p.43)

Sobre a inteireza, Wilber (2000 *apud* TREVISOL, 2008) tem a visão integral, que é uma visão equilibrada, ampla e completa. Que contempla a arte, a moral e a ciência; inclui disciplinas como física, espiritualidade, estética, biologia, sociologia, oração contemplativa. Se apresentando como política integral, medicina integral, economia integral, espiritualidade integral.

Para Trevisol (2008) na nova visão de realidade o universo é experimentado, incluindo o observador como essencial, numa totalidade, que por meio da consciência recria a realidade. E nesta experiência conceitos de dualidade, causa e efeito, espaço e tempo, objetos isolados, separatividade, perdem significância.

O autor referido ainda traz mais uma idéia de consciência, da seguinte forma

“... a consciência inspira a idéia de dança, de sutileza, de energia, de movimento em profundidade e largueza, processo ascendente, de totalidade experimentada. Mas onde isso tudo acontece? Claro, não existe um “lugar” para a consciência ou onde ela atua. [...] Ela parece estar em todas as pontas e no entremeio de tudo, ela aparece tanto sutil quanto corporizada, e quando parece que chegamos a tocá-la, é justamente ali que ela se torna maior, inabarcável.” (TREVISOL, 2008, p. 75)

Trevisol (2008) afirma que ao se trazer a idéia de movimento que significa mudança de lugar ou deslocamento ativo, dança, uma vez num sentido e outra vez no sentido oposto e que segundo Pozatti

“... ocorre entre o denso e o sutil, entre a forma e a não-forma. O movimento transforma, modifica (muda o modo), gera significação: quando o movimento é interrompido, ocorre um colapso da onda quântica, possibilitando um processo de significação, uma tomada de consciência, integrando significado, significação e experiência.” (POZATTI, 2003 *apud* TREVISOL, 2008, p.77)

Estas informações nos revelam uma nova amplitude para a ciência, a consciência. Para Tart (1979 *apud* WALSH e VAUGHAN, 1995) os termos estados de consciência e estado ampliado de consciência estão se difundindo. E se pauta no reconhecimento de que existe um estado, ou estrutura, ou organização, para o funcionamento de um indivíduo em determinado momento, e quando uma forma de experiência de um destes estados se dá radicalmente diferente daquele de um outro, então se fala nos estados alterados de consciência. Que se entende, como uma mudança qualitativa no modo de experimentar a realidade, diferindo dos modos comuns nos quais a mente estava habituada. Segundo suas próprias palavras

“... se pode definir como uma alteração qualitativa na pauta global do funcionamento mental, de modo que quem vivencia sente que sua consciência é radicalmente diferente da maneira em que ordinariamente funciona. Um Estado de consciência se define, pois, não em função de um conteúdo da consciência em particular, nem de um comportamento específico ou mudanças fisiológica, senão em função da configuração geral do funcionamento psicológico.” (TART, 1979 *apud* WALSH e VAUGHAN, 1995, p. 331)

Para Trevisol (2008), são considerados estados de consciência, a partir da Psicologia Transpessoal, os de vigília, sonho, sono profundo sem sonho e superconsciência ou estado transpessoal. Tem, então, estados de funcionamento próprios. Na vigília estamos acordados, sentimos, pensamos, agimos, trabalhamos,

emitimos ondas eletroencefalográficas Beta. São rápidas, nos mantendo ativos e inquietos. No sonho estamos dormindo, mas construindo imagens mentais, as ondas tornam-se Alfa ou Teta, mais lentas, mas ainda mantendo a inquietação. No sono profundo sem sonho, o cérebro emite ondas delta, que está sem atividade mental.

Então o referido autor conclui

“... por fim, o estado de superconsciência ou transpessoal caracteriza-se por ser aquele da paz profunda, vivenciado especificamente por aquelas pessoas que se deixaram transportar pela nuvem do não-saber, inserindo-se na realidade sem dualidade entre eu-tu do mistério transcendente. Neste estado o cérebro emite ondas delta, as mesmas do sono profundo sem sonho, mas estando completamente despertas, em vigília, portanto essas pessoas fazem a grande experiência de ser o que são na sua essência. Por terem ampliado infinitamente sua consciência, vêem a realidade de modo mais intenso, amplo e objetivo. É das experiências deste estado específico que se ocupa, de modo particular, a Psicologia Transpessoal, pois nele se inserem as ditas experiências de consciência alterada” (TREVISOL, 2008, p. 84)

Para Basso e Pustilnik

“... consciência é aquilo que é, ou seja, o ser na sua totalidade; e nós, assim como todas as coisas que existem no mundo físico e não-físico, somos suas manifestações individualizadas, com a qual temos uma relação holográfica de parte/TODO. Nós, seres humanos, somos Consciência corporificada, o que significa que somos Consciência, porém no limite de nossa expressão nesta experiência de vida, neste momento. [...] Nossa Essência está inconsciente em nós mesmos. Nossas possibilidades de Ser não se manifestam em Sua plenitude, devido às limitações de expressão do mundo físico. [...] O que notamos como desenvolvimento humano é um processo temporal onde o indivíduo vai se tornando capaz de sustentar mais e mais a expressão da Consciência em níveis cada vez mais sutis.” (BASSO; PUSTILNIK, 2000, *apud* TREVISOL, 2008, p. 127)

Trevisol conclui o capítulo que versa sobre a ampliação da consciência assim

“... discorreremos sobre alguns fenômenos da humanidade, relacionando-os com o paradigma de base, apontando para a necessidade urgente de uma visão abrangente que possa compreender o ser humano na sua inteireza. Percebemos quanto os fenômenos da consciência são os mesmos da interioridade mais profunda do ser humano e da mais vasta realidade do universo. A visão da Psicologia Transpessoal parece abrir caminhos para compreender a complexidade do ser humano de maneira integrada e de modo holístico. A consciência passa a ser órgão de sentido e lugar onde se constrói a mais vasta unidade do ser que se auto-revela à medida que vai desdobrando sua interioridade. Em última instância, há seres humanos e seres humanos, porque há consciências e consciências. Níveis diferentes de consciência e de realidade fazem a diferença da humanidade. Há níveis

mais altos que se confundem com espiritualidade, pois espiritualidade é expressão também da mais sutil humanidade. Abranger a totalidade do ser humano é também compreendê-lo na sua inteira relação com tudo o que há[...] A Psicologia Transpessoal pode facilitar o despertar dos mais altos níveis da pessoa.” (TREVISOL, 2008, p. 172)

Diante dos referidos conceitos, Mauro Luiz Pozatti, em entrevista cedida à Unipaz em fevereiro de 2008 (disponível em: www.unipazsul.org.br), nos esclarece de forma potente, focada e esclarecedora as questões acerca da ampliação da consciência, acho por bem incorporar suas respostas aqui, algumas vezes literalmente, por outras o interpretando.

Quando indagado acerca da ampliação de consciência Mauro Pozatti observa

“... hoje percebemos que, como constitutivos da Totalidade, além da matéria e da mente, temos a consciência, o observador. Existem distintos níveis ou complexidades da consciência, dependendo da perspectiva do observador. Nós humanos percebemos uma determinada faixa de consciência. O espectro usual vibra na frequência dos nossos cinco sentidos, mas há outras faixas que são infinitamente diferentes destas e que não dependem dos órgãos dos sentidos para serem conscientizadas. Usualmente captamos mais de 400 bilhões de bits – unidades de informação –, mas só significamos dois mil bits. Então captamos muita coisa, mas filtramos, filtramos, filtramos e só ficamos com um mínimo. Desta pequena parcela filtrada, conscientizamos aquilo que faz sentido para nós, que corresponde a nossa visão compartilhada de mundo e, nesse sentido, os nossos sistemas de crença nos protegem, porém, limitam nossa consciência de quem somos e de nosso potencial. Se aprendermos a ampliar nossa consciência, através de práticas como a meditação, a respiração, o sonho, o desenho de mandalas, teremos mais opções para existir numa forma mais harmônica e inteira do que o mundo “normótico” vivido pela maioria da população humana. Usualmente temos um aparente vazio entre nós, mas este vazio está pleno de informação. Algumas delas sabemos que existem e não as vemos, como as ondas de TV, de rádio, ou de celular. Se entrarmos na frequência adequada, encontramos pessoas falando, acessamos informações. Sabemos que podemos ampliar nossa consciência e perceber informações que os místicos, médiuns, e meditadores acessam. Estas informações fazem parte de campos de consciência distintos do nosso; o que nós sabemos hoje é que esses campos nos afetam e nós os afetamos. Quando observamos estes campos interagindo, percebemos outras possibilidades de vida, além desta que conhecemos. Se aprendermos a ampliar nossa consciência, através de práticas como a meditação, a respiração, o sonho, o desenho de mandalas, teremos mais opções para existir numa forma mais harmônica e inteira do que o mundo “normótico” vivido pela maioria da população humana.” (POZATTI, 2008 DISPONÍVEL EM: www.unipazsul.org.br)

E sobre a forma de acesso a estes estados da consciência Pozatti (2008) conta que estamos sempre os acessando, mas não tomamos consciência. Como metáfora, utiliza o mar, onde só podemos perceber as ondas, mas que podemos mergulhar mais fundo, e isso acontece quando: se hiperventila, quando se acalma a mente e quando se dança. Muitas tecnologias são capazes de nos conduzir, e neste outro nível se pode vivenciar padrões diferentes dos usuais. Alguns deles, inclusive, podem ser utilizados para que se possa mudar ou corrigir o rumo da vida individual, transformando-o, num nível harmônico e saudável. Pozatti (2008) afirma que todas as pessoas acessam esses padrões quando dormem e sonham, mas para ter este acesso conscientemente se necessita um aprendizado, uma maneira de entrar e sair. E o acesso de forma indiscriminada, através das drogas, por exemplo, ou por alguns processos patológicos, faz com que não se perceba as fronteiras entre os níveis de consciência, e isso pode levar ao sofrimento.

É o mesmo mar que o místico e o esquizofrênico entram, mas só o primeiro aprendeu a nadar.

Assim, para Pozatti (2008)

“... em muitas culturas de diferentes épocas foram utilizadas plantas e substâncias para expandir a consciência dos neófitos. Os Pitagóricos utilizavam determinadas plantas para isso. Os índios americanos usam o peyote; os povos da floresta e os povos latinos, como os incas, usavam a ayahuasca; e o ópio era utilizado no oriente. Quando a pessoa estava preparada pela comunidade e pronta para receber a iniciação, estas ervas era impulsionadoras para a indivíduo saltar a outro nível de consciência. Porém, isso não acontecia de forma consumista como é a utilização das drogas hoje em dia. Existia toda uma preparação e um sentido de proteção. Atualmente as pessoas utilizam estas plantas e outras substâncias psicodélicas sem nenhuma preparação. Isto as leva a perderem suas fronteiras, não sabendo mais se estão num estado ou em outro. Existem outros métodos de expandir a consciência que não utilizam substâncias, e sim, processos internos como a hiperventilação, a dança, a meditação, o desenho de mandalas, o uso de sons, entre outros. O som ritmado, por exemplo, vai alterando a frequência das ondas cerebrais de catorze ciclos para menos de quatro ciclos por segundo. As ondas passam da onda beta – acima de 14 ciclos - pela alfa, teta, e chegam à delta que tem menos de quatro ciclos por segundo. Neste estado a pessoa entra em transe e acessa outros níveis de consciência. Quando os xavantes ficam em roda batendo o pé no chão e cantando how-how-how-how-how, isso cria um ritmo em quem todos eles, coletivamente alteram seu estado de consciência e acessam informações que vibram no espaço e no tempo, e mais além.” (POZATTI, 2008)

Ao referir-se a estados não comumente acessados, e a periculosidade de fazer este acesso de forma não saudável, Lynch complementa

“... todos querem expandir a consciência e obter o contentamento, É um desejo natural, um desejo humano. E muita gente busca isso nas drogas. Mas o problema é que o corpo, a fisiologia, sofre um forte impacto com elas. As drogas afetam o sistema nervoso e por isso tornam mais difíceis essas experiências por conta própria. Além do mais, as experiências mais profundas encontram-se de forma natural. Logo que a consciência começa a se expandir, essas coisas aparecem. Tudo pode ser visto. Basta expandir a dimensão da consciência. E essa dimensão pode se expandir ao infinito, sem limites. Ela é a totalidade, uma totalidade que você pode obter. Todas essas experiências estão lá. Só para você, e sem os efeitos colaterais das drogas.” (LYNCH, 2008, p. 111 e 112)

Pozatti (2008), na referida entrevista, ainda se refere à história Africana, que é oral, e que a Unesco pesquisa as informações históricas através da gravação destas quando as pessoas estão em Estados Ampliados de Consciência, baseando-se em diferentes culturas, as pesquisas vão construindo informações e criando uma história africana.

A história nos mostra que houve a permanente utilização de estados ampliados de consciência por diferentes culturas, provenientes de suas práticas, muitas vezes rituais.

Nas culturas antigas e aborígenes, muito tempo e energia eram dedicados à construção do que podemos chamar, assim como Grof (2000), de “técnicas do sagrado”, o que consiste em procedimentos modificadores da consciência, que levam a novas percepções da própria realidade, diante de propósitos rituais e espirituais. Dentre as maneiras utilizadas estão a inter-relação de tambores e outros tipos de percussão, música, cantos e danças rítmicas.

Krippner (2007, p. 18) nos afirma que “o controle voluntário é abdicado durante algumas danças rituais de americanos nativos, quando há intenso transbordamento psíquico”, o que nos remete diretamente a um estado diferenciado do comumente percebido durante os momentos não ritualísticos.

Grof (2000) refere que paredes de famosas cavernas no sul da França trazem entalhes e marcas que permitem aos arqueólogos reconhecerem culturas xamânicas antigas. Uma delas, cujo nome é *La Gabillou*, possui uma figura em movimento dinâmico, o qual denominaram “O Dançarino.”

Em *Tuc d’Audoubert*, foram encontradas pegadas em arranjo circular que envolviam dois bisões de argila, o que infere que danças eram conduzidas, semelhantes às que até hoje se pratica por culturas aborígenes, para que fosse induzido algum estado de transe. Ainda segundo Grof (2000), o xamanismo é antigo e universal, podendo ser encontrado nos variados continentes, e através da história inúmeras culturas distintas valorizaram e deram utilidade às técnicas xamânicas, donde surge uma ampliação da consciência, o que os antropólogos chamaram de “mente primal”, que seria um aspecto primevo da psique humana que transcende raça, sexo, cultura, e tempo histórico.

Além dessas técnicas do sagrado aborígenes e antigas, algumas religiões também desenvolveram “procedimentos psicoespirituais sofisticados”, especificamente elaborados para induzir a consciência a um outro estado. Dentre as práticas dos Sufis, os místicos do Islã, existem as que regularmente se utilizam de cânticos devocionais e danças que induzem a transes.

O som de tambores, canções e técnicas musicais antigas auxiliam como ferramentas. Culturas que desenvolveram alguns ritmos de tambores, quando os mesmos foram submetidos a experimentos laboratoriais, notou-se o efeito sobre a atividade elétrica do cérebro (JILEK 1974; NEHER, 1961/1962 *apud* GROF, 2000). Existem também inumeráveis exemplos de métodos de “transe” que combinam música instrumental, cânticos e danças.

Com isso podemos perceber as algumas técnicas que possibilitam a modificação da percepção da realidade e com isso imbuem-se do poder de transformação da mesma. Para Pozatti (2003), mais uma vez, a consciência é um movimento entre o denso (manifesto) e o sutil (imanifesto), e a partir do estado ampliado da consciência a própria totalidade e suas diferentes realidades podem ser significadas.

O estado ampliado de consciência pode ser relacionado ao termo holotrópico, criado por Grof (2000) em 1992, que é uma palavra composta derivada de *holos* = totalidade/inteireza e *trepein* = indo em direção a algo; significando, segundo o próprio, literalmente, algo como “indo em direção à totalidade/inteireza”.

Para Grof (2000) os estados ampliados da consciência, ou o denominado estado holotrópico, deve ser diferenciado de uma ampliação patológica da consciência, pois ocasiona uma mudança qualitativa de consciência, diferenciando-se dos estados referentes a distúrbios mentais ou dos danos comumente ocorrentes nas condições de causa orgânica. Ao mesmo tempo em que permanecemos orientados no espaço-tempo e vinculados com a realidade do dia-a-dia nosso campo de consciência percebe outros conteúdos que podem ser diferentes de tal realidade diária. Caracterizando-se por mudanças nas áreas sensoriais, em relação à percepção. Além de modificar as formas de pensamento, onde o intelecto não fica debilitado, mas opera de forma diferente do seu funcionamento diário.

Outra definição sobre Estado Ampliado de Consciência vem de Tart (1995 *apud* Reichow, 2002, p. 33) onde define o mesmo “como uma alteração qualitativa no padrão de funcionamento mental na qual a pessoa que o experimenta sente que a sua consciência funciona de maneira radicalmente distinta do seu modo comum de operação”.

Conforme Reichow (2002), algumas pesquisas configuram outros estados de consciência para além do estado de vigília, onde experimentamos outras percepções das próprias experiências que podem variar muito em relação aquilo que entendemos como realidade. Dentre elas estão

“... o desaparecimento das fronteiras entre sujeito-objeto ou entre o eu que vive e a experiência vivida, a construção de novos significados do real a partir destas vivências e o conhecimento descontínuo, isto é, que transcende meios físicos de propagação e o próprio tempo. Outro aspecto fundamental dessas experiências é a tomada de consciência de si como um ser multidimensional, um ser físico, energético, emocional, mental e espiritual. Durante as experiências em estado ampliado de consciência a pessoa se percebe com um ser total em que corpo, energia, emoções e mente são aspectos diferentes deste ser que é, em essência, um ser espiritual. E, mais ainda, este ser total se percebe profundamente

conectado com a natureza, com o planeta e com o cosmos.” (REICHOW, 2002, p. 23 e 24)

Segundo Grof (2000), um estado ampliado de consciência pode levar a experiências que ele enquadra como transpessoais. O que inclui estados de percepção que transcendem barreiras espaciais, como: identificação com outras pessoas, identificação grupal e consciência grupal, identificação com animais, união com a vida e toda a criação, consciência planetária, fenômenos psíquicos envolvendo transcendência do espaço; que transcendem barreiras temporais, como: experiências ancestrais, experiências raciais e coletivas e fenômenos psíquicos envolvendo a transcendência do tempo.

Assim, Walsh refere que

“... à medida que a sensibilidade perceptiva humana ultrapassa certo limiar, penetramos num domínio que está além da nossa experiência ordinária do mundo e de sua concomitante ‘realidade’ e alcançamos uma visão fundamentalmente distinta da natureza. Essa visão pode ser alcançada por meio de todas as modalidades epistemológicas de aquisição de conhecimento: a percepção sensória, a análise conceitual intelectual ou a contemplação [...]. A sensibilidade aumentada pode ser conseguida quer por meio do treinamento direto da percepção, como ocorre na meditação e em outras disciplinas da consciência, pelo aprimoramento da análise conceitual quer pelo aumento e sistematização da percepção sensorial - com o emprego de instrumento e de experimentação, como na ciência avançada. Mas pouco importa o seu modo de obtenção; o aperfeiçoamento da sensibilidade num grau suficiente revela uma ordem de realidade diferente daquela que nos é familiar. Além disso, as propriedades assim reveladas serão essencialmente mais fundamentais e verídicas do que costuma acontecer e vão apresentar um maior grau de semelhança interdisciplinar. Por isso, à medida que se desenvolvem e se tornam mais sensíveis as disciplinas empíricas, pode-se esperar que revelem fenômenos e propriedades que assinalam os fundamentos comuns e os paralelos entre disciplinas e entre níveis.” (WALSH, 1995 *apud* REICHOW, 2002, p. 24)

Para Walsh (1995 *apud* REICHOW, 2002), as limitações da percepção podem ser superadas e isso permite que a realidade pareça consideravelmente diferente, da realidade cotidiana.

E ainda conforme Walsh

“... as seguintes características definem a realidade do universo descrita pelas disciplinas da consciência, pela física quântica e por algumas áreas das neurociências: não-dualista, em oposição a dicotômico; um todo unitivo, em oposição a partes não relacionadas entre si; interligado, em oposição

a formado por componentes estanques e separados; antes dinâmico e em contínuo movimento ou fluxo, em oposição a estático; impermanente e efêmero, em oposição a duradouro e permanente; vazio (constituído em larga medida pelo espaço vazio não-sólido) em vez de sólido; acausal (mas não anticausal), isto é, transcende os modelos tradicionais de causalidade, visto que todo componente entra na determinação de todos os eventos (onideterminismo); sem base exterior e autoconsciente, na medida em que, como todos os componentes e mecanismos são interligados e interdependentes, nenhum é, em última análise, mais fundamental do que os outros. Por conseguinte, não se pode explicar o universo em termos de um número limitado de mecanismos fundamentais; estatístico e probabilístico em lugar de certo; paradoxal, e não, em última análise, compreensível, codificável e exprimível em termos intelectuais; ligado inextricavelmente com o observador.” (WALSH, 1995 *apud* REICHOW p. 24 e 25).

Ampliando nosso espectro, Humphrey (1989 *apud* REICHOW, 2002) refere que as formas racionais, pensamento lógico, raciocínio dedutivo estão ligados ao hemisfério esquerdo do cérebro, assim como a linguagem. Já a compreensão de símbolos, pensamento abstrato e intuitivo, assim como criação de imagens (imaginação) estão relacionados ao hemisfério direito. E nossa educação tem se pautado num sistema de referência que dá mais importância ao desenvolvimento do hemisfério esquerdo, o que pode ser encontrado em pessoas que tem dificuldade de liberar e explorar sentimentos íntimos. E há importância significativa no fato de que esse desequilíbrio passa a se equilibrar à medida que se desenvolve uma experiência meditativa. O citado autor refere que na filosofia hindu, por exemplo, existem diferentes níveis de consciência, e os mais elevados trazem funções mentais abstratas e os mais densos se referem a impulsos e memória. O estudo da psique proveniente do budismo nos traz um sistema alternativo da mente, neste, o universo é consciência, que pode ser dividida em consciência essencial: visão, audição, olfato, paladar, tato e pensamento. Que são a consciência individual, que nasce e morre. Os outros planos não acabam com a morte. São eles: autopercepção, consciência *alaya* relativa, consciência *alaya* absoluta. A consciência *alaya* relativa recebe todos os dados reunidos nos anteriores e são registrados com absoluta precisão e estas impressões ocasionam uma ação, colocando em movimento um ciclo de atividades. A consciência *alaya* absoluta é a pura autoconsciência sem forma.

Para Reichow, nossa autopercepção e autoconsciência se ampliam com a vivência transpessoal, e acabam assim abarcando outras dimensões do humano, pouco conhecidas e valorizadas. Em suas palavras

“... durante a experiência transpessoal percebemo-nos inteiros, sem divisões entre sensações, sentimentos, pensamentos e intuições. Essa visão inteira e integrada, juntamente com o desaparecimento da separatividade entre eu e o mundo, bem como a transcendência do espaço-tempo linear, leva a um novo tipo de conhecimento da realidade, seja a do nosso próprio eu ou do mundo infinito que nos envolve.” (REICHOW, 2002, p. 32)

Em relação à autopercepção, D’Ambrósio tem a visão da realidade do indivíduo a partir de algumas prerrogativas ordenadas

“... uma realidade individual, nas dimensões sensorial, intuitiva, emocional, racional; • uma realidade social, que é o reconhecimento da essencialidade do outro; • uma realidade planetária, o que mostra sua dependência do patrimônio natural e cultural e sua responsabilidade na sua preservação; • uma realidade cósmica, levando-o a transcender espaço e tempo e a própria existência, buscando explicações e historicidade.” (D’AMBRÓSIO, 1998, p. 21)

Em se tratando de realidade, Reichow (2002) refere-se à ela como muito mais do que o ato de pensar. E traz a concepção de Capra (1997, p. 145), que nos diz que a cognição, ou o que denomina “processo do conhecer”, é muito mais ampla e envolve percepção, emoção e ação, ou seja, todo o processo da vida. E falando de humanos, inclui aí a linguagem, o pensamento conceitual e todos os outros atributos da consciência humana e esta concepção geral não envolve necessariamente o pensar. É a idéia de teia, uma nova visão de conhecimento e da realidade. Capra (1997, *apud* REICHOW, 2002, p. 35) nos substitui a metáfora do conhecimento como um edifício pela de uma rede. Percebendo assim a realidade, como uma teia (rede) de relações, o fenômeno descrito pela física não são mais fundamentais do que os descritos pela biologia, ou psicologia. Pertencem a diferentes níveis de sistemas, mas onde nenhum é mais fundamental que o outro. Uma rede inseparável de relações, que nos implica mais uma vez a rever a concepção tradicional da objetividade científica. Assim, refere

“... no paradigma científico cartesiano, acredita-se que as descrições são

objetivas - isto é, independentes do observador humano e do processo de conhecimento. O novo paradigma implica que a epistemologia - a compreensão do processo de conhecimento - precisa ser explicitamente incluída na descrição dos fenômenos naturais." (CAPRA, 1997 *apud* REICHOW, 2002, p. 35)

Torna-se claro que a teoria que está na mente do observador influencia a percepção acerca do observado. Reichow (2002, p. 35) conclui que a própria ciência mostra o quanto somos mais do que pensamos e que podemos quebrar os limites, ou melhor, ir além dos limites espaço-temporais. Por isso considera importante aliar uma certa ousadia amorosa do espírito inovador com a busca do pesquisador que considera que o conhecimento esteja em constante expansão, e assim como, o universo. Dizendo que "a ampliação de nossa consciência permite acessar nossa fonte de sabedoria cósmica e a Psicologia Transpessoal dá os meios para ampliá-la e traduzir essas experiências numa linguagem significativa para outras disciplinas do conhecimento".

A partir destas referências, onde consciência, relação observador/observado, conceitos acerca da totalidade, paradigmas da ciência, técnicas arcaicas de êxtase, se misturam; vemos que tudo se complexifica, porém se trata de um mesmo conjunto de informações; ainda, parecem conduzir à consciência, ou melhor, parecem ser conduzidas por ela, para uma visão integradora de realidade, uma totalidade, que se apóia na inteireza das relações, e isso nos remete, uma vez mais, ao além. E o além nos parece conduzir ao transdisciplinar, e em se tratando do estudo da psique e da consciência, à Psicologia Transpessoal; é provável então, que, somente com essas noções poderemos instaurar o que aqui estamos abordando. E por isso, o capítulo seguinte versa sobre tais temas.

4.1 Psicologia Transpessoal e Transdisciplinaridade

Para Reichow (2002) a Psicologia Transpessoal pode ser mencionada como a quarta força em psicologia, depois de Behaviorismo, Psicanálise e da Psicologia Humanista e o que dá importância a seu papel é sua visão acerca da consciência humana. Até seu surgimento, a consciência era tratada como um terreno de pouca explanação onde instintos e traumas de nível inconsciente estavam arraigados. Com

o surgimento desta, psicólogos da consciência iniciaram pesquisas explanando terrenos até então inexplorados. Vem tendo como objeto de estudo os vários estados de consciência que o ser humano poder experimentar, incluído nestes o estado de consciência cósmica.

Segundo Weil

“... a Psicologia Transpessoal é um ramo da psicologia especializada no estudo dos estados de consciência; ela lida mais especialmente com a ‘experiência cósmica’ ou os estados ditos ‘Superiores’ ou ‘ampliados’ da consciência.” (WEIL, 1999 *apud* REICHOW, 2002, p.20)

Sendo assim, esta consciência cósmica aparece como uma percepção diferenciada da percepção comum do indivíduo. Ainda de acordo com o referido autor o que caracteriza uma experiência cósmica é

(1) Unidade: desaparecimento da percepção dual Eu - mundo. **(2)** Inefabilidade: a experiência não pode ser descrita com a semântica usual. **(3)** Caráter noético: um senso absoluto de que o que é vivido é real, às vezes muito mais real do que a vivência cotidiana comum. **(4)** Transcendência do espaço-tempo: as pessoas entram numa outra dimensão; o tempo não existe mais e o espaço tridimensional desaparece. **(5)** Sentido de sagrado: o senso de que algo grande, respeitável e sagrado está acontecendo. **(6)** Desaparecimento do medo da morte: a vida é percebida como eterna, mesmo se a existência física é transitória. **(7)** Mudança do sistema de valores e de comportamento: muitas pessoas mudam os seus valores no sentido dos valores de Maslow (Beleza, Verdade, Bondade, etc.) Há uma subestimação progressiva dos valores ditos materiais e do apego ao dinheiro. O ‘ser’ substitui o ‘Ter’.” (WEIL, 1999 *apud* REICHOW, 1999, p. 20)

O que sentimos, vemos, ou em maior grau, experienciamos, está traduzido na qualidade e/ou quantidade de informações que conseguimos processar em cada momento, ou seja, o espectro de cores que nos é possibilitado enxergar diante de um quadro ou imagem colorida, assim é com nossa vida e nossa realidade pessoal, uma vez que a consciência possa ser a chave de portas que modificam nossos rumos diante da vida e ainda, a possibilidade de sentirmo-nos partes atuantes do todo da teia da vida.

Como afirma Crema,

“... a moderna Psicologia Transpessoal, convergindo com as escolas clássicas de sabedoria, evidencia que nossa percepção da realidade é determinada pelo estado de consciência no momento atuante. São quatro os principais estados de consciência, detalhadamente estudados: o de vigília, o do sonho, o do sono profundo e o transpessoal, ou holístico ou cósmico. Pierre Weil resumiu esse enunciado através da seguinte fórmula: $VR=f(EC)$, significando que a vivência da realidade (VR) é a função (f) do estado de consciência (EC) no qual a pessoa se encontra no momento da observação.” (CREMA, 1988, p. 82)

Para Walsh e Vaughan (1991) a Psicologia Transpessoal se volta para a ampliação campo da pesquisa psicológica a fim de incluir, pelo menos, o estudo da saúde e do bem-estar, reconhecendo a potência da vivência de um amplo espectro de estados da consciência, e em alguns, a identidade pode estender-se para além dos limites usuais do ego e da personalidade.

De acordo com Reichow (2002), a teoria de C. G. Jung agrega à Psicologia Transpessoal, ou melhor, enraíza-a com os conceitos de inconsciente coletivo e arquétipos da psique. O primeiro conceito traz uma idéia de que somos mais do que nosso período biográfico, e que as imagens que podem emergir em nossa consciência podem ser referentes a outros períodos da história da humanidade; onde estão gravados esses registros transpessoais.

De acordo com esta definição o inconsciente coletivo é constituído essencialmente de arquétipos e não é uma aquisição somente pessoal, é algo que leva ao coletivo, ao compartilhar de uma imagem essencial. Os arquétipos são formas da psique, que estão presentes em todo lugar e em todo o tempo. Algo que transcende os limites, de ego, personalidade, e percepção/apreensão da realidade.

Para Reichow (2002), o aporte transdisciplinar se relaciona com a maneira de olhar o mundo, com o olhar lançado à relação sujeito/objeto e a visão transdisciplinar apóia a construção de trabalhos que se construam através de várias disciplinas da consciência, como a Psicologia Transpessoal e as tecnologias do sagrado que há milênios são utilizadas como veículos para a expansão da consciência e para o auto-conhecimento. E, além disso, esse processo possibilita novas expressões dos sujeitos através de símbolos universais.

Para Nicolescu

“... a transdisciplinaridade, como o prefixo “trans” indica, diz respeito àquilo que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas e além de qualquer disciplina. Seu objetivo é a compreensão do mundo presente, para o qual um dos imperativos é a unidade do conhecimento.[..] O aporte transdisciplinar sobre a consciência possibilita perceber que existem diferentes níveis de consciência. Ao contrário da visão disciplinar que classifica e cria categorias que, no caso da consciência, separam o que é normal daquilo que é patológico. Essa é uma visão ainda bastante comum em algumas correntes psicológicas. O propósito deste trabalho é também mostrar que nosso inconsciente é vastíssimo e que para compreendermos os conteúdos emergentes do mesmo precisamos estar abertos a novas abordagens teóricas que, muitas vezes, transpassam conhecimentos disciplinares.” (1999 *apud* REICHOW, 2002, p. 26)

Nicolescu (1999 *apud* REICHOW, 2002) também diz que a perspectiva transdisciplinar considera uma Realidade multidimensional que se estrutura em vários níveis ao invés da unidimensional que possui um único nível, referente ao pensamento clássico.

Já D’Ambrósio (1998) fala sobre um enfoque holístico, que reestrutura com elos as peças que há muito foram isoladas, não se contentando com o aprofundamento do conhecimento das partes e se estabelecendo como uma busca das relações entre elas, ultrapassando ainda esta idéia, não reconhece maior ou menor essencialidade de nenhuma das partes do todo. Sabendo que, o todo, é mais do que a soma das partes.

Trevisol afirma que

“... a Psicologia Transpessoal, portanto, está mais preocupada com a inteireza do indivíduo e vê tudo o que lhe acontece a partir de um ponto de vista mais complexo, na profunda convicção de que o ser humano vive uma unidade intrincada de tal modo que, tudo o que lhe acontece, é expressão dessa mesma unidade. Ocupar-se, portanto, do fenômeno humano, de dedicar-se à compreensão da inteireza humana e trabalhar em favor dela. Enquanto o sujeito vai montando o quebra-cabeça de si mesmo, vai inteirando-se conscientemente dessa unidade.” (TREVISOL, 2008, p. 187)

Para Nicolescu (1999 *apud* TREVISOL, 2008) a transdisciplinaridade, através do prefixo “trans” refere-se a tudo o que está entre as disciplinas, através delas e além de qualquer uma. Tem como objetivo a compreensão do mundo

presente, e para isso é imperativo a unidade do conhecimento. A integração de diferentes escolas de psicologia num sistema coerente, mas que se dá somente ao entendermos que estamos lidando com níveis e dimensões diferentes da consciência.

Para Trevisol (2008), a Psicologia Transpessoal diz que o ser humano pleno é aquele que ultrapassa sua condição humana, pela espiritualidade, e transcendência, e alcança níveis de si que estão além de sua pessoa, e que revelam uma condição transumana, transpessoal, espiritual e divina.

Capra nos conduz ao casamento dos temas quando relaciona as experiências transpessoais com a expansão da consciência

“... as experiências transpessoais envolvem uma expansão da consciência para além das fronteiras convencionais do organismo e, em consequência disso, uma ampliação do sentido de identidade. Podem envolver ainda as percepções do meio ambiente que transcendem os limites usuais da percepção sensorial e que muitas vezes se aproximam da experiência mística direta da realidade.” (CAPRA, 1988, p. 83)

Assim, percebemos que a realidade individual percebida pelo indivíduo é dependente, ou melhor, proveniente de seu estado de consciência, e que num nível elevado, a totalidade não refere dicotomias, sendo expressa aqui, portanto, com caráter transdisciplinar, diante das concepções psicológicas de transpessoalidade. Como é referente, uma noção de espiritualidade está presente. Uma vez que a aproximação dos assuntos abordados até aqui são notáveis, podemos seguir tentando aproximar mais especificamente os temas de estudo dança (vide danças circulares sagradas) e a ampliação da consciência em relação com a vida humana, abordando, assim, inclusive, a espiritualidade e a concepção holística do universo.

4.2 Ampliação da Consciência relacionada à Dança a partir de uma perspectiva transdisciplinar e holística

“A dança é um método de fortalecimento e de trabalho de recuperação da alma que é utilizado, consciente ou subconscientemente, em todas as sociedades. Quando dançamos, atingimos a essência de quem somos e experimentamos a união entre espírito e matéria.” (ANGELES, 1997, p.18)

O paradigma holístico é um paradigma que emerge não dualisticamente, mas com um discurso unitário; diz Crema (1994, p. 126) “pois a visão holística, *holos* vem do grego, todo, inteiro, vê o corpo se confundindo com o sujeito, o “eu” fazendo parte do todo”. Ainda segundo o referido autor, a holística considera a totalidade e suas partes, evitando os extremos do reducionismo e do totalitarismo.

Nesta Perspectiva, a partir de uma percepção total, não podemos tratar separadamente de aspectos corporais, mentais, sociais, espirituais, ambientais, como se estes pudessem não se inter-relacionar nas amplitudes internas do ser e do universo; portanto o corpo que dança nos oferece um caminho que não se constitui fim ou começo, mas que nos traz a noção de veículo modificador de consciência, de acordo com sua mudança e inter-relação planetária. Nos primórdios da história humana, homens e mulheres não separavam a dimensão corpórea de qualquer outra, eles eram no e o seu corpo, não o separando do mundo ao redor.

Co-relacionando este sistema de entendimento com a consciência, segundo Langer (1980) o que as danças fazem com o dançarino é algo como conduzi-lo a um estado de êxtase e, por sua repetição, pelo ritmo, pela respiração alterada, e por outros fatores relacionados, acaba por direcionar o dançarino para “fora de si”.

Dantas (1999) complementa que uma vez neste estado de êxtase, o espírito não tem mais controle do corpo, ou dos movimentos. Com isso desaparece a divisão supostamente hierárquica de espírito/corpo, levando o indivíduo a um estado de unidade, a perceber sua integração com a totalidade.

Ainda, Dantas (1999) nos fala da transgressão desta hierarquia, que pode ser promovida pelas dança extáticas, observando que isso acontece uma vez que o

espírito perdeu o controle sobre o corpo, e constitui então uma nova relação onde se torna presente a idéia de unidade entre espírito e corpo, fato então, elemento provocador de sensações como encantamento, deleite, entusiasmo, ou ainda, se transformarmos nossos conceitos, ampliação da consciência.

Desde as percepções antigas, cujos ensinamentos trazem a idéia de que tudo que está acima é tal qual está abaixo, e a partir desta perspectiva, não há separação do indivíduo com mundos de menor e maior complexidade que seu próprio, bactérias e estrelas estão intimamente conectados a sua própria existência, e assim um terreno perceptivo é criado por onde o belíssimo, amplo e complexo verbo Dançar nos suscita esta nova forma de consciência.

Sendo assim, Duncan afirma que,

“... a realização da unidade da vida interior e da vida exterior integradas numa ação única. Assim chegaria ao fim a era das pedagogias baseadas no dualismo, sobretudo o do corpo e da alma, que se pretendia formar e desenvolver separadamente.” (DUNCAN, 1935 *apud* GARAUDY, 1980 p. 130)

Logo, a movimentação corporal diante de um ritmo ancestral traz o poder de reconexão com uma ancianidade sagrada que já realizou com precisão uma mesma série de movimentos com um mesmo sentido ritual, sagrado, de celebração, sacramento, sacrifício. Que, o indivíduo, ao repetir, traz novamente à tona, diante desta visão arquetípica, de um inconsciente coletivo universal, também de acordo com a teoria de C. G. Jung (2000).

É interessante observar a afirmação de Laban, onde diz que

“... foi na dança, ou pensamento por movimento, que o homem a princípio se apercebeu da existência de uma certa ordem em suas aspirações superiores por uma vida espiritual.” (LABAN, 1978, *apud* FÁTIMA, 2001, p.45) .

Se o espiritual passa pelo corpo, convém que se prossiga adentrando um pouco mais no conceito de corpo; Wilhelm Reich nos traz a seguinte afirmação

“... o corpo é o inconsciente visível. É o nosso texto mais concreto, nossa mensagem mais primordial, a escritura de argila que somos. É também o templo onde outros corpos mais sutis se abrigam.” (REICH *apud* LELOUP, 1998 *apud* FÁTIMA, 2001, p. 82)

Neste contexto, as danças circulares sagradas são o nicho ideal para a percepção do sagrado, uma vez que além de suas características integrativas, das práticas de mãos dadas, trazem um valor inerente à veneração de culturas que valorizam sua própria fé e trazem a possibilidade de abertura do indivíduo para suas próprias questões espirituais da existência, como uma série de movimentações que podem ser entendidas como ‘meditação em movimento’, a partir da metáfora de um conhecimento que nos traz a idéia não separativa do corpo, de que a consciência está nos pés, a movimentação/modificação das consciências-pés. Mais que o valor de virtuose comumente encontrado noutros tipos de danças, nesta prática em específico, apesar dos valores dados ao movimento, características integradoras e os envoltivos subjetivos são referidos e comumente emergem em quem pratica.

Segundo Wosien (2002, p. 55), o dançarino pode ser definido como aquele que medita em movimento, e que está existindo integralmente no momento presente, enquanto dança “sua alma está onde seu corpo está e seu pé, onde sua alma está” trazendo a idéia de presença ao estado de unidade com Deus, ou seja, à experiência do sagrado. De acordo com a autora citada (2002, p. 57) “na dança ligada ao ritual, o corpo se iguala a um edifício sacro errante, que assinala as linhas das vibrações cósmicas através da forma de seus passos e de seus movimentos”.

Por conseguinte, Ostetto conclui

“... a Dança Circular abre uma conexão com o sagrado dentro de nós. Na forma, no gesto, na música somos convidados, como já falei, a entrar em contato com outras dimensões de nosso ser - a experiência me mostrou. O sagrado... Impossível de se nomear. “Tudo que vive é sagrado”, diz o poeta William Blake, e é a vida mesma que a dança traz - a vida dos ancestrais, dos povos antigos, e diferentes tradições e a nossa própria vida, reinventada no presente. Como afirmava antiga inscrição em latim, a qual o psicólogo suíço Carl Gustav Jung gravou sobre a porta de entrada de sua casa, no Lago Küsnacht - *Vocatus Atque Non Vocatus, Deus Aderit* - Evocado ou não, Deus está presente. Se os deuses estão em nós, ao dançarmos na roda vivificamos o sagrado em nós, conectamos com o centro, alinhamos o eixo da vida. Não é necessário nomear, apenas viver.” (OSTETTO, 2005, p. 55)

Da mesma forma, Laban sugere que

“... a dança vem da necessidade dizer o que as palavras não dizem. É um meio eficiente de encontro consigo e com o próximo, com a criação e o criador. É uma forma de oração, um ritual social e sagrado. “O movimento sempre foi empregado com dois propósitos distintos: a consecução de valores tangíveis em todos os tipos de trabalho, e a abordagem de valores intangíveis na prece e na adoração. Ocorrem os mesmos movimentos corporais tanto no trabalho quanto na veneração religiosa, conquanto difira na sua significação em ambas as instâncias.” (LABAN 1978 *apud* FÁTIMA, 2001, p.50)

Ainda assim, para Wosien (2002), o corpo que se estabelece diante de uma repetição de posturas meditativas conscientes, elementos específicos de movimento e através da ligação de passo, salto, giro ou gesto. Este é um sistema de entendimento e acesso a uma troca contínua entre mudança e permanência, o que permite ao dançarino experienciar o corpo como objeto de meditação, e então poder retomar a dança como um acontecimento espiritual e ainda, a partir disto, representa-lo. E quando a dança é executada sem a vivência mítico-religiosa, ou seja, quando se transforma em hábito ou costume ou forma social de convívio e aprimoramento corporal, então as formas simbólicas ficam em segundo plano. Torna-se então importante o retorno ao símbolo, ao mito, e ao inconsciente coletivo e arquetípico das imagens afloradas em nossa consciência.

Dessa maneira, para a referida autora há a afirmação de que o mundo pode ser então vivenciado novamente como um grande tecido de vibrações e que cada uma delas consagra a dança, pois na roda, se devota a energia de cada ser humano no percurso em torno de um centro comum.

“... no círculo o princípio se repete de uma forma sempre renovada, como um enfileiramento de períodos similares em uma espiral, como o fio de um prumo, que parece se enrolar gradativamente em torno de um centro inapreensível, para conduzir os dançarinos ao centro da vida. Aquele que desta forma medita, dançando experimenta uma condensação do ser pela qual ele se conecta novamente à sua totalidade.” (WOSIEN, 2000, p. 60)

Assim como porta entre o visível e o invisível que fazem parte da vida individual e coletiva do dançarino, também atua como uma maneira de expressão da beleza inerente ao mundo, em relação, principalmente ao intangível, por onde se manifestará uma linguagem energética de movimentação e calor, com referências a um centro corporal e um centro na roda.

Nesse sentido, Wosien afirma que,

“... a dança, por isso, não é apenas a transparência do divino, assim como uma janela aberta, uma vista para o divino. A dança também não é uma viva imagem reminescente – a dança e, em tempo e espaço, um signo, um acontecimento visível, uma forma cinética para o invisível.” (WOSIEN, 2000 *apud* FÁTIMA, 2001, p. 50)

Por isso, portanto, e ao mesmo tempo, toda essa manifestação há que passar pelo corpo, uma vez que este é entendido como a porta entre a terra e o céu. Logo, Fátima observa que,

“... o homem e a mulher então manifestam no dançar a transfiguração de sua existência, pois que ela (a dança) é a linguagem simbólica mais concreta de comunicação. Os nossos ancestrais mais longínquos expressaram da maneira mais direta possível através dos movimentos ritmados do corpo, seu espanto e reverência diante do mistério e da maravilha do mundo ao seu redor.” (FÁTIMA, 2001, p. 50)

A subjetividade passando pela matéria bruta do corpo, como reafirma Fátima

“... através da dança, a dicotomia corpo-espírito desaparece, o gesto une céu e terra. Ao se abandonar o corpo à dança, o tempo e o espaço, antes métricos, humanos, se transformam em tempo e espaço sagrados, infinitos. Há nesse instante encantado uma re-significação, Um re-fazer da existência, um encontro onde a grandeza da criação se revela.” (FÁTIMA, 2001, p. 87)

Enfim, as noções de sagrado podem advir de um estado ampliado de consciência, que se infere haver a possibilidade de ser propiciado pela prática das danças circulares sagradas, e de acordo com a visão holística estará integrada ao todo, assim como Hanna propõe que

“... dançar pode levar a estados alterados de consciência (que mudam os padrões fisiológicos na frequência das ondas cerebrais, na adrenalina e no açúcar do sangue) e, em consequência, à alteração da ação social.” (HANNA, 1999 *apud* FÁTIMA, 2001, p. 58)

Chauvet nos traz a complexidade simbólica de um corpo que dança, e que por fim não é somente corpo, mas que se manifesta como corporeidade singular diante desta visão integral do indivíduo. Logo, o referido autor afirma que

“... por corporeidade entendemos o sujeito humano em sua integralidade. Este conceito designa de fato o sujeito como corpo individual onde vem articular simbolicamente (*simbolé* = articulação) de maneira tão singular para cada um como singular é a história de seu desejo, um corpo ancestral de tradição, um corpo social de cultura e um corpo cósmico de natureza.” (CHAUVET, 1995 *apud* FÁTIMA, 2001, p. 63)

Então percebemos que a individuação corporal ativa e consciente feita em grupo é, de fato, a conexão individual e coletiva com o todo da existência. Para Fátima (2001), homens e mulheres da modernidade são em grande parte solitários e fragmentados sofrendo assim com a divisão do espírito com o corpo e ficando cada vez mais longe de valores e sensações que dizem respeito à alma e à transcendência, o que se pode encontrar na dança.

Assim, a união de pessoas em redor de um mesmo intuito de dançar o sagrado, pode promover a paz. A respeito, Fontanella (1995 *apud* FÁTIMA, 2001) afirma que na dança os seres compõem uns com os outros, e não se levantam uns contra os outros, logo, se erguem em uníssono, com movimentos comuns onde as divergência não se encontram, e também, na dança o ser não se diferencia da natureza, porque durante a dança o espírito do mundo embala os homens como frutos de seu regaço, como ao ritmo do vento as folhas se movimentando, ou ao ritmo da aragem e do furacão. Na dança cada um é um no Todo.

Para Wosien (2000 *apud* OSTETTO, 2005, p. 78) a dança recebe um sentido sagrado, e afirma isto através de belíssimas citações e concepções, como: “Para mim, a dança é uma mensagem poética do mundo divino”. Refere-se também às antigas atividades de culto na dança, que significa como um abrir-se, um Movimentar-se em direção à luz, um Sintonizar-se na luz, um Dançar para a luz. De forma tocante prossegue

“Na dança, como na música, o ser humano consegue exprimir todos os altos e baixos de suas sensações. Na dança sagrada, como oração e conversa sem palavras com deus, o bailarino encontra o recolhimento. No quadro da irreligiosidade geral de nosso tempo, não é mais fácil exprimir este bater de asas da alma primeiramente ‘sem palavras’?” (WOSIEN, 2000 *apud* OSTETTO, 2005, p. 78)

O primeiro pesquisador das Danças Circulares Sagradas poeticamente nos

brinda com suas palavras, e fala do ser que dança, liberto pela vontade, pendula entre o êxtase, movimento e calma, entre meditação e visão, e assim sente o hálito da respiração universal. Diz ainda, que a dança é simplesmente, a vida intensificada, e que se comunica do ponto, onde a representação, a respiração, a imagem e a vivência onírica afloram se tornando criativas, e se desprendem do plano da realidade prosaica e dos grilhões terrestres. Vê o movimento da dança como um veículo de comunicação espiritual: “A dança é oração em movimento, pois as formas corporais correspondem às rezas interiores que pertencem à oração humana“. Além disto, tem muito a ver com meditação, mas argumenta que isto acontece apenas quando quem dança verdadeiramente participa do que está fazendo e é arrebatado por sua musa, pois nenhuma fonte se torna acessível se não acreditarmos nela, e o ser arrebatado é o elemento meditativo; em suas palavras formosas, ao referir-se a este ato em conjunto nos diz

“Aquele que medita dançando encontra um adensamento de seu ser em um tempo não mais mensurável, no qual a força mágica da roda se manifesta. Quando os dançarinos se ordenam num círculo, de acordo com a tradição, eles se dão as mãos. A mão direita torna-se a que recebe e a esquerda a que dá.” (WOSIEN, 2000 *apud* OSTETTO, 2005, p. 78)

Ainda aproximando a dança do sagrado e fazendo-a fundir-se com o próprio, afirma “A dança, como na forma de uma imagem característica e móvel, é o próprio sagrado.” (WOSIEN, 2000 *apud* OSTETTO, 2005, p. 78) E ainda como a forma muito pura e criativa, elevando-a como primeiro testemunho desta comunicação. Onde, nos povos que atribuem sentido ao invisível, a dança é pedido e oração e nele o ser consegue exteriorizar os atos primevos da alma, como medo e até mesmo a entrega libertadora.

A harmonia, o encontro, a totalidade, se intermesclam em sua concepção do lugar em que se situa a dança e o ser que dança:

“... em nenhum lugar o homem é tão exigido em sua totalidade. Aqui, por fim, ele se encontra não só consigo mesmo, mas também com o Tu, com o mundo em redor, com o grupo, com a alteridade, tão simplesmente. A dança é para ele um meio de autorealização. Em íntima ligação com a música, ele recebe a harmonia ou a reconquista.” (WOSIEN, 2000 *apud* OSTETTO, 2005, p. 79).

E todas estas percepções se configuram, no mínimo, como um processo de autodescoberta, de ressignificação de sentido, de percepção do transcendente e da

consciência, assim como colore novamente Wosien (2000 *apud* OSTETTO, 2005, p. 79) “No todo, este processo é, a cada vez, um passo para a autodescoberta”.

Vemos que o sagrado na dança, que a não separatividade corpo mente consciência espírito e sim sua integração nos conduzem a estados diferenciados de percepção da realidade. E que uma transformação social se veria facilitada através da prática de dança que desperte a consciência espiritual.

Mas como, justamente, e desde o início, busco um estado experienciado com a totalidade, vejo que este fluxo de informações ainda se direciona adiante.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS - UMA METODOLOGIA SUGERIDA

Antes de mais nada e depois de tudo, as palavras de Trevisol nos iluminam

“... tudo é muito complexo e muito simples ao mesmo tempo. Tudo é muito concreto e muito variável. Tudo é objetivo, mas também subjetivo. Tudo é muito, mas também tudo é pouco. Não haverá mais nada tão absoluto, e tudo se torna absoluto, ao mesmo tempo. Nada é tão sagrado, e tudo é muito sagrado, concomitantemente. Enfim, nada começa e nada termina. Pois, tudo simplesmente é.” (TREVISOL, 2008, p. 182)

E sobre o conhecimento Trevisol segue

“... conhecimento não é mais somente o que o pensamento descobre, mas aquilo que a consciência experimenta, compreende e interpreta à luz da inteireza de tudo. Agora o conhecimento advém do mundo vivencial e não mais unicamente do esforço laborioso dos complexos mentais. Faz-se ciência com consciência. Para conhecer é preciso envolver-se, pois, na verdade, se conhece mesmo somente aquilo que se experimenta [...], a interioridade é o lugar do conhecimento.” (TREVISOL, 2008, p. 184)

E sobre a própria ciência Trevisol ainda afirma

“... essa não é mais a ciência das coisas e dos objetos, mas a dos campos sutis, da subjetividade, da qualidade e da essência. Ela não lida mais objetivamente com corpos, mas com energias, com intencionalidades, com motivos, enfim, com substancialidade. É quando a ciência se torna sabedoria.” (TREVISOL, 2008, p. 186)

A partir desta sabedoria, e sabendo acerca da experiência prática, compreendo que o ponto de vista é chave da questão. Não me preocupo, então, em finalizar este trabalho; venho considerando a estrada ao invés de buscar seu final, e a partir disto esta busca tona-se a própria caminhada, que também está pautada em tudo aprendi e desaprendi durante o processo de pesquisa, e para além do que a linguagem foi capaz de elucidar, ou quando muito, complicar e embaralhar. A partir da perspectiva transpessoal e transdisciplinar, com as visões de inteireza e

totalidade e diante do paradigma holístico, podemos perceber a dimensão da consciência humana e sua ampliação, e que a partir desta ampliação infere-se que se possa desenvolver notados valores para uma cultura de paz. A dança, historicamente, vem sendo utilizada e percebida como veículo transcendente, e que conduz a estados diferenciados de consciência e espiritualidade, mas seria arriscado demais, porquanto, diante do paradigma vigente, afirmar qualquer premissa com base nestas informações; mas, a partir desta aproximação bibliográfica, poder-se-ia pensar um método de pesquisa de campo para. A necessidade de uma pesquisa de campo onde uma integração entre as experiências da prática de danças circulares sagradas e as percepções adquiridas bibliograficamente em estado ampliado de consciência sejam profundamente exploradas e verificadas me parece veemente.

A partir e através disto, objetivando e focando cada vez mais, o caminho a seguir pautará dos porquês. Seria essa uma especulação para pensar um método de investigação, talvez. Para além do que se apresenta na bibliografia, seria possível um método investigativo de campo para tal tema? Que método seria esse?

Igualmente, me arrisco a inferir informações que podem ajudar-me num futuro próximo, em relação à continuidade da pesquisa. Algo que surgiu, e que não estava objetivado inicialmente, e, portanto, não recebeu ainda os cuidados e investigação necessários.

Para Trevisol (2008), a Psicologia Transpessoal traz luz à sua verdadeira importância de existir, todos os fenômenos que revelam a mais profunda interioridade do ser humano, e por isso dá valor ao que acontece na área da consciência e espiritualidade. Entendendo que os fenômenos devem ser descritos pela ciência, mas em se tratando da interioridade humana é preciso o relato da experiência de quem a vivenciou.

Sendo assim, precisamos dos relatos de experiência.

Ainda, segundo Tittoni e Jaqueline (1998, *apud* CAMINHA, 2003), a produção de conhecimento se dá de forma estratégica, estando vinculada à prática social que seja capaz de articular as questões da teoria com os aspectos empíricos,

ou seja, a inter-relação dos objetivos da produção do conhecimento com as transformações sociais. Caminha (2003, p. 22) nos conta que as autoras acima mencionadas podem nos auxiliar a compreender que: “os procedimentos metodológicos não podem ser vistos como técnicas desvinculadas dos pressupostos teóricos definidos na pesquisa, mas sim como estratégias utilizadas para integrar o empírico e o teórico.” A partir disto, o método sugerido não diferiria do da pesquisa de Caminha, sendo ela (a pesquisa) igualmente Qualitativa, de caráter Exploratório.

O levantamento de dados seria feito através da realização de um grupo focal, onde as falas dos participantes seriam gravadas em formato digital, sendo depois analisadas.

Segundo Caminha

“... os grupos focais podem ser descritos como entrevistas que se fundamentam na interação desenvolvida no grupo. Utilizam a interação para produzir dados e *insights* que seriam difíceis de conseguir fora desta situação. Uma das principais vantagens da utilização desta técnica é que esta oportuniza uma intensa troca de idéias sobre um determinado tópico, com tempo limitado, onde os dados são discutidos e aprofundados em conjunto.” (CAMINHA, 2003, p. 22)

A rede de informações nos é facilitada, e uma vez que emergem as idéias, e estas, se relacionam direta ou indiretamente com o tema, temos as possíveis hipóteses pressionadas contra a parede.

5.1. Universo e sujeitos

O círculo desde sempre vêm nos remetendo à união, e não poderia ser diferente no que concerne aos sujeitos, ou seja, o foco haveria de ser num grupo já praticante há algum tempo, e sim, reafirmamos, que seja já algo que se possa chamar de grupo.

Neste sentido, Lynch afirma que

“O que se deseja no trabalho é uma equipe que trabalhe feliz junto a você. É preciso desenvolver a capacidade de se focar nas coisas como um grupo.

É preciso se concentrar em uma coisa de cada vez e não ter um milhão de coisas perturbando. Essa capacidade se desenvolve quando as pessoas começam a meditar e mergulhar fundo. Não é a toa que existe a expressão: onde há atenção, há vida. Ou seja, quando você se foca em alguma coisa, isso é mais ou menos como se a fizesse movimentar e vibrar. Você então diz: é isso que faremos hoje, esse é o nosso lugar; é isso que queremos realizar. Assim o trabalho melhora e o grupo fica mais feliz.” (LYNCH, 2008, p. 83 e 84)

A formação do Grupo Focal desta pesquisa estabelecer-se-ia diante de alguns pressupostos e em local específico: O método seria aplicado ao universo de praticantes de danças circulares sagradas que se encontrariam em qualquer faixa etária acima dos 20 anos, que estivessem inseridos na prática a mais de seis meses. Este universo seria o escolhido por se supor que este seja um segmento de pessoas que já tem capacidade de reconhecer e interpretar as mudanças ocorridas em sua consciência e em suas relações pessoais, e também pelo reconhecimento das possíveis mudanças em suas vidas, quando muitas vezes a prática das danças pode estar a responder muitas questões.

Os sujeitos que seriam convidados a participar praticam aulas regulares, uma vez por semana, na Associação Cristã Feminina de Porto Alegre. Dada a ocasião, uma das aulas seria usada para o depoimento consentido dos participantes. Por se tratar de um processo qualitativo e exploratório, o revelado se constituiria numa ferramenta para que cada pessoa apresentasse aí a sua história de vida em relação à dança e o que entende por ampliação da consciência, e ainda, como o método de levantamento de dados sugere, o que mais adviesse que se relacionaria com os pressupostos da pesquisa. Ao se obter a aceitação de três a cinco sujeitos, considerar-se-ia atingido um bom número de indivíduos.

5.2. Instrumentos de coleta de dados

A coleta de dados seria feita através da gravação digital de depoimentos através de um aparelho mp4. Temáticas seriam sugeridas, que teriam por objetivo ser um guia para o depoimento livre do sujeito.

5.3. Plano de análise e apresentação dos dados

A metodologia empregada para análise dos dados colhidos na pesquisa seria a Análise de Conteúdos, que, segundo Bardin

“se caracteriza por um conjunto de técnicas de análise das comunicações que visam obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos do conteúdo das mensagens, indicadores que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens”. (BARDIN, 1991 *apud* CAMINHA, 2003, p.25)

A partir do que “brotar” dos participantes, infere-se que se poderia identificar o material e comparar/considerar os problemas levantados e os objetivos da pesquisa para que fossem estabelecidas considerações.

Os dados obtidos nesta pesquisa através do depoimento dos sujeitos seriam analisados e comparados com a literatura, a fim de identificar semelhanças ou relações entre a teoria e os depoimentos dos mesmos. Os resultados assim obtidos seriam apresentados textualmente, quando novamente as manifestações dos sujeitos seriam confrontadas com as referências teóricas que fundamentam o trabalho.

5.4. Finalização

Como a roda de dança se tornou parte de minha vida, não consigo imaginar qualquer relação que possa se dar separadamente, tudo está intimamente conectado e interligado pela mesma teia da vida. Esse contato com a teoria, através deste trabalho de conclusão de curso, fez com que me aproximasse mais das referências que iluminaram os pontos obscuros de minhas questões pessoais. Vendo brotar a possibilidade de continuidade da pesquisa, direcionando-se, quem sabe, a um futuro próximo, a fim de constatar diante da experiência prática, todas as afirmações decorrentes, não me parece atrevimento afirmar que, assim, o nosso círculo se abre, mas não se rompe. E ao concluir que é necessária uma cultura de paz para a preservação da vida no planeta, e que a dança e a ampliação da consciência estão intimamente conectadas com o desenvolvimento desta paz, com humildade, espero, um dia, dar prosseguimento à investigação.

Gratidão.

Alessandro Rivellino Oliveira de Borba.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Lúcia Helena Hebling. **Danças Circulares sagradas: imagem corporal, qualidade de vida e religiosidade segundo uma abordagem junguiana.** Tese de Doutorado da Faculdade de Ciências Médicas de Campinas, São Paulo, 2005.

ANGELES, Arrien. **O Caminho Quádruplo.** São Paulo: Editora Ágora, 1997.

BARRETO, Sirlene. **Danças Circulares:** Movimentos divinos da criação – Revista Viva Melhor Especial – Ed. Escala – Brasil - Ano 1, nº 14 – 2003

BARTON, Anna. **Espírito da dança.** Volumes I e II. São Paulo: TRIOM, 1995.

BORBA, Alessandro Rivellino Oliveira de. **Jovens para sonhar o Amanhã.** UNIPAZSUL.Disponível.em:
<http://www.unipazsul.org.br/smnoticias.php?cod=207&titulo=03-03-2009> Acesso dia: 19 de junho de 2009.

CAMINHA, Marco Aurélio. **Em busca de uma nova masculinidade.** Trabalho de Conclusão de Curso em Psicologia Universidade Luterana do Brasil, Centro de Ciências e Saúde Psicologia. Gravataí, 2003.

CAPRA, Fritjof. Sabedoria Incomum. São Paulo: Editora Cutrix, 1988.

CREMA, Roberto. **Introdução à visão Holística:** Breve Relato de Viagem do Velho ao Novo paradigma. São Paulo: Summus editora, 1988.

D'AMBROSIO, Ubiratan. Conhecimento e consciência: o despertar de uma nova era. In: GUEVARA, Arnaldo José de Hoyos *et. al.* **Conhecimento, cidadania e meio ambiente.** São Paulo: Peirópolis, v.2, 1998.

DANTAS, Monica. **Dança:** O enigma do movimento. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1999.

FÁTIMA, Conceição Viana de. **Dança: linguagem do transcendente**. Dissertação de Mestrado do curso de Ciências da Religião. Goiânia, 2001.

FISHER, Luís Augusto. 2008. Disponível em:
<http://portoalegreciadedanca.blogspot.com/2008/03/danar-para-aprender-ser.html>.
acesso dia: 20 de agosto de 2009.

GARAUDY, Roger. **Dançar a Vida**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1980.

GOBERSTEIN, Mônica. **Danças Circulares: Na Roda, trocando barreiras por encontros** – Revista Arte-Terapia: Reflexões – Ed. Sedes Sapientiae – São Paulo - Brasil -Ano 4 - nº 3 - 1999/ 2000

GROF, Stanislav. **Psicologia do futuro**. Rio de Janeiro: Editora Heresis, 2000.

JUNG, Carl Gustav. **O Homem e seus Símbolos**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1964.

_____. **Os Arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis: Vozes, 2000.

KRIPPNER, Stanley. **Os primeiros curadores da humanidade: abordagens psicológicas e psiquiátricas sobre os xamãs e o xamanismo**. 2007. Revista de psiquiatria clínica – USP. São Paulo, vol. 34, supl.1. p.17-24.

LANGER, Sussane. **Sentimento e forma**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1980.

LYNCH, David. **Em águas profundas: criatividade e meditação**. Rio de Janeiro: Gryphus, 2008.

MIRCEA, Eliade. **O Xamanismo e as Técnicas Arcaicas do Êxtase**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

NEIHARDT, Jonh. (org). **Black Elk Speaks**. Lincoln: University of Nebraska Press, 1961.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. **Educadores na roda da dança: formação** –

transformação. São Paulo: [s.n.], 2005.

POZATTI, Mauro. **Entrevista acerca dos estados ampliados de consciência.** 2008. Disponível em: www.unipazsul.com.br (acesso: 17 de novembro de 2009)

_____. **A Busca da Inteiraza do ser.** Tese de Doutorado em Educação, Programa de Pós-graduação em Educação da UFRGS. Porto Alegre, 2003.

RAMOS, Renata (Org.). **Danças Circulares sagradas:** uma proposta de educação e de cura. São Paulo: TRIOM, 2002. 2ªed.

RAMOS, Renata C. L. **Danças da Paz Universal e Danças Sagradas.** Revista Shanga, 1995

REICHOW, Jeverson Rogério Costa. **Processos de significação em estados ampliados de consciência dentro de uma abordagem transdisciplinar holística:** Estudo de caso com crianças de uma escola pública de Porto Alegre. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS. Porto Alegre, 2002.

TREVISOL, Jorge. **Educação transpessoal:** Um jeito de educar a partir da interioridade. São Paulo: Paulinas. 2008

WALSH, Roger N.; VAUGHAN, Frances. (orgs.). **Além do ego:** Dimensões transpessoais em psicologia. São Paulo: Cultrix-Pensamento, 1995.

WOSIEN, Maria-Gabriele. **Dança sagrada: deuses, mitos e ciclos.** São Paulo: Triom, 2002.